Revista da ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias n. 11 • janeiro - junho 2015 ISSN 2178-1869

verbo.



HIBRIDISMO CULTURAL

JUNTOS E MISTURADOS

Sumário

3 **Editorial**

4 **Registros Verbo.**

8 **Gestão ABEU 2015-2015**

13 **Entrevista Peter Burke**

16 **O corpo como texto de cultura: a visualidade da imagem do corpo em suas mudanças extremas**

19 **Uma aula no turismo: apresentação do contexto educacional**

21 **Hibridismo cultural no ciclo da borracha**

31 **A leitura no Brasil: alguns pontos para reflexão**

34 **Midiatização da sociedade: uma primeira opinião**

37 **Las instituciones de educación superior: el editor universitario aportes para definir su papel**

41 **Compartilhar o conhecimento: compromisso do cientista**

43 **Estratégias de promoção da leitura e o papel das editoras universitárias**

45 **Internacionalizar ou perecer: em busca do Fio de Ariadne**

48 **Regionais**

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias
Diretoria 2013/2015

Presidente - José Carlos Canossa P. Mendes (Ed. Fiocruz)
Vice-presidente - Carlos Alberto Torres Gianotti (Ed. Unisinos)
Diretora Secretária - Flavia Goulart Mota Garcia Rosa (Edufba)
Diretor Financeiro - Jerônimo Carlos Santos Braga (Edipucrs)
Diretor de Eventos - Gilberto De Castro (Edufpr)
Diretor de Comunicação - Marcelo Luciano Martins Di Renzo (Ed. Leopoldianum)
Diretora de Difusão Editorial - Maria Candida Soares Del-masso (Ed. Unesp)
Diretora da Região Norte - Antônio Gilson Gomes Mesquita (Edufac)
Diretora da Região Nordeste - Maria José De Matos Luna (Edufpe)
Diretora da Região Sudeste - Renato Paiva (Ed. Federal de Lavras)
Diretor da Região Centro-Oeste - Selma Lucia Lira Beltrão (Embrapa Informação Tecnológica)
Diretor da Região Sul - Dirceu Luiz Hermes (Argos Ed. Unochapecó)
Conselho Fiscal - Joel Corso (Ed. Unijuí); Astomiro Romais (Ed. Ulbra); Cidoval Morais De Souza (Eduepb)
Secretário executivo - Rubens Mandelli Nery

Verbo. Revista da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) - n. 11 janeiro - junho 2015

Editor - Marcelo Luciano Martins Di Renzo, MTB/SP 11.008
Projeto gráfico, editoração e Ilustração Capa - Elcio Prado (Ed. Leopoldianum/Unisantos)
Comitê Editorial - Carlos Alberto Torres Gianotti; Flavia Goulart Mota Garcia Rosa; Marcelo Luciano Martins Di Renzo; Maria Candida Soares Del-masso.

CTP. Impressão e Acabamento - Gráfica Editora Pallotti

Av. Fagundes Filho, 77 – sala 24 – Vila Monte Alegre
São Paulo – SP – CEP 04304-010 - Tel.: (11) 5078-8826
www.abeu.org.br **abeu@abeu.org.br**

PROGRAMAÇÃO GERAL

XXVIII Reunião Anual da ABEU
Desafios na Gestão de Editoras Universitárias
Santa Maria, RS • 2015

• 05/05/15 (terça-feira)

09h as 14h - Workshop preparatório para Feira do Livro de Frankfurt

17h - Credenciamento

19h - Cerimônia de Abertura

Prof. Dr. Paulo Afonso Burmann (Reitor da UFSM)

*Daniel Arruda Coronel (*Coordenador Geral do Evento)

João Carlos Canossa (Presidente da ABEU)

20h - Conferência de Abertura com Roberto Romano da Silva - "Do Renascimento aos nossos dias, as letras e suas formas"

21h - Coquetel

• 06/5/15 (quarta-feira)

9h - Mesa: Planejar uma Editora na Universidade

Geraldo Francisco Huff (SECAD)

Wrana Maria Panizzi (UFRGS)

Mediador - *Rudi Weiblen* (UFSM)

10h30 as10h45 - Intervalo para café

10h45 -12h30 - Grupos Temáticos

12h30 - 14h - Intervalo para Almoço

14h as15h - ABEU Regional

15h as18h - Assembleia ABEU: prestação de contas, definição da sede da próxima reunião anual, inscrições de chapas para a nova diretoria da ABEU, eleição e posse da nova diretoria.

18h as 20h – Mostra de Exposições na Feira do Livro de Santa Maria

21h - Jantar de Confraternização

• 07/05/15 (quinta-feira)

9h - Mesa: Marketing, marketing editorial e livro universitário

Bruno Weiblen (Grupo A)

Fernando Cesar Quaglia (Capítulo Sete)

Marieta de Moraes Ferreira (FGV)

Fernando Luce (UFRGS)

Mediador: Daniel Arruda Coronel (UFSM)

10h30 as10h45 - Intervalo para café

10h45 as 12h30 - Mesa de Encerramento: Ações políticas para o livro e o leitor

Diego Drumond e Lima – Vice-presidente de Comunicação da Associação Brasileira de Difusão do Livro (ABDL)

Afonso Martin – Diretor-presidente da Associação Nacional das Livrarias (ANL)

Luís Antonio Torelli – Presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL)

Raquel Menezes – Presidente da Liga Brasileira de Editoras (LIBRE)

Mediador - *Marcelo Luciano Martins Di Renzo* (ABEU)

12h30 - Encerramento e avaliação do evento

13h - Almoço

Visita à Gráfica Palotti e UFSM durante a tarde, em horário a ser definido.

JUNTOS E MISTURADOS

Híbrido: o que é composto de elementos diferentes, segundo um dos dicionários correntes. Na biologia[1], o híbrido resultante do cruzamento entre duas espécies distintas é um ser estéril. Já na cultura, esse híbrido costuma ser bastante fértil. Néstor García Canclini[2] destaca o encontro entre o visual e o literário, o popular e o erudito, traduzido, por exemplo, na riqueza dos quadrinhos. Por nossa vez, destacamos os livros acadêmicos, esses híbridos culturais que são a razão de ser de nosso trabalho.

O livro, tradicionalmente, é veículo de histórias de aventura, romance, ficção; é modalidade de lazer, entretenimento. A ciência, por seu turno, é o lugar da não ficção, da evidência, da argumentação fundamentada em pesquisa. Da combinação entre esses dois universos nasce um híbrido no qual a produtividade da ciência se encontra com o prazer do livro, onde o rigor dos dados repousa na suavidade das páginas.

O livro acadêmico se "hibridiza" ainda mais diante da multiplicidade dos objetos da ciência: assim como as moléculas da química ou as partículas da física, artes, religiões, comportamentos e distintas manifestações de cultura também são alvo de estudos – e, como não poderia deixar de ser, esses temas conquistaram espaço privilegiado nos catálogos de nossas editoras universitárias. De fato, o hibridismo perpassa o trabalho de nossas associadas sob variados aspectos, inclusive nas coedições, que materializam a interseção entre agendas institucionais.

Exemplos não faltam. No caso dos e-books, a discussão não se restringe à aceitação da tela; tampouco à rejeição do papel. O essencial é que a conciliação entre texto e hipertexto traga inovação para o livro, em particular o acadêmico. A internacionalização é também um processo de negociação criativa e não um pretexto para a manutenção de assimetrias de poder, em que títulos de importância local seriam negligenciados em nome de uma agenda global da ciência ditada pelas grandes economias mundiais.

Nossas estratégias de divulgação são igualmente híbridas. A publicação que você, caro leitor, tem agora em mãos – ou em tela – nada mais é do que uma revista que trata do universo dos livros, frutífera interação extensível a outras mídias, como rádio e TV. Nosso desejo, portanto, em especial neste momento em que se encerra a gestão 2013-2015 da diretoria da ABEU, é que um saudável hibridismo continue acompanhando nossas associadas em seus desafios.

João Canossa - Presidente da ABEU - 2013/2015 (Editor Executivo - Ed. Fiocruz)
Fernanda Marques - Assessora de Comunicação (Ed. Fiocruz)

[1] http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1158/797
[2] http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0585-1.pdf

registros verbo.

COLE 2014

Entre os dias 21 e 25 de junho, aconteceu a X Feira de Leitura e Arte, paralela ao 19º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL - COLE, na Unicamp (SP). A ABEU organizou um estande coletivo para levar aos participantes do evento editoras de diversas regiões brasileiras.

ScieELO comemora 15 anos

A Newsletter SciELO em Perspectiva, produzida mensalmente, reúne matérias publicadas no blog de mesmo nome - blog.scielo.org. A publicação, que comemora os 15 anos da instituição, nasce com a função de promover o intercâmbio de informação, experiências e conhecimento a respeito de comunicação científica. O intuito maior é contribuir para o avanço do Programa e da Rede SciELO, que objetiva contribuir para a melhoria e o impacto das pesquisas publicadas em periódicos nacionais de qualidade

Juntas na Bienal do Livro

ABEU, CBL, ABDL, ABRELIVROS, ANL e LIBRE organizaram coquetel conjunto durante a 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, para marcar a criação do fórum das entidades do livro.

Mais união

Em consonância com o diálogo constante entre as entidades do livro em 2014, a Associação Brasileira de Difusão do Livro (ABDR), a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) e Câmara Brasileira do Livro (CBL) comemoraram juntas o encerramento do ano, reunindo associados, amigos e autoridades no restaurante paulistano Coco Bambu, no dia 8 de dezembro. Conforme salientou o Prof. Carlos Alberto Gianotti, vice-presidente da ABEU, as editoras universitárias amadureceram muito nesses anos e ganharam destaque no universo editorial brasileiro. Resultado do crescimento é a aproximação cada vez maior da ABEU e das demais entidades do livro, que buscam juntas soluções para suas dificuldades e apresentam propostas aos novos paradigmas do segmento editorial.

Na Bienal de SP

A ABEU esteve na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo com um estande de 300 m², levando ao público paulistano uma diversidade bibliográfica intensa. No total, reuniu 49 editoras universitárias e de instituições de pesquisa, das cinco regiões brasileiras, em um único estande.

Meta de internacionalização

Mais uma vez, as editoras universitárias estiveram na Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México, de 29 de novembro a 07 de dezembro de 2014. A ABEU levou suas associadas no estande do Brasil, graças a uma parceria estabelecida com a Câmara Brasileira do Livro, e com o apoio da Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco (PE) e da Editora da Universidade Estadual de Campinas (SP). A iniciativa integrou o esforço contínuo da ABEU e de suas associadas em internacionalizar a produção das editoras universitárias brasileiras, fazendo-se conhecer nos principais eventos do livro no mundo. Expuseram: Editora Univ. da UFPE, EdiPUCRS, Editora Argos, Editora Diário Oficial de Sergipe, Editora Fiocruz, Editora Mackenzie, Editora UFGD, Editora Unesp,

Editora Unicamp, Editus / Editora da UESC, Ediunesc, EDUFAL, EDUFBA, EDUFRB e EDUFRN.

Fórum Mundial de Edição Universitária

A Feira do Livro de Frankfurt 2014, em parceria com as editoras universitárias latino-americanas, promoveu, durante o evento, de 08 a 12 de outubro, o Fórum Internacional de Edição Universitária, tratando de questões comuns das publicações acadêmicas em âmbito internacional.

EBSCO Discovery Service

A partir da primeira quinzena de fevereiro de 2015 todos os livros das editoras participantes do SciELO Livros estarão disponíveis no EBSCO Discovery Service (EDS). Grandes bibliotecas acadêmicas e redes, bibliotecas públicas e instituições governamentais que usam o EDS como fonte de pesquisa, estarão automaticamente incorporando a coleção de livros aos seus catálogos. O EDS coleta metadados de fontes internas (bibliotecas) e externas (fornecedores de bases de dados), criando um serviço pré-indexado sem precedente em tamanho e velocidade.

ABEU retorna à CNIC

No dia 2 de fevereiro, o ministro da Cultura, Juca Ferreira, deu posse aos novos integrantes da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC). Eles serão os responsáveis, nos anos de 2015 e 2016, por analisar projetos culturais e autorizar a captação de recursos com a renúncia fiscal da Lei Rouanet. A CNIC é formada por 21 integrantes, sendo sete titulares e 14 suplentes das seguintes áreas: artes cênicas (que engloba circo, dança, teatro, ópera); audiovisual; música; artes visuais (digital, design, moda, fotografia); patrimônio cultural (material e imaterial); humanidades (livros, periódicos, publicações) e representantes do empresariado. Na ocasião, Marcelo Luciano Martins Di Renzo, diretor de Comunicação da ABEU, tomou posse como 1º Suplente da área de Humanidades.

Foto: arquivo ABEU



Editores da ABEU na Feira de Guadalajara

ABEU: 2013/2015 Presença forte nos eventos literários







Fotos: arquivo ABEU













Fotos: arquivo ABEU

PALAVRAS DA DIRETORIA

Caros Associados,

Nossas palavras – assim como o trabalho desta gestão que se encerra – são para todos e cada um de vocês, gente do fazer editorial universitário. Somos parte de uma Associação que congrega pessoas jurídicas, quando sabemos que o maior patrimônio destas é justamente aqueles que as movimentam, que as fazem “ser no mundo”.

Estamos encerrando uma gestão eleita para um biênio. E nosso sentimento geral é o da alegria: pela ampla participação e gradativo crescimento [somos, hoje, 120 editoras universitárias reunidas], pela dimensão do trabalho compartilhado, pela lucidez das decisões em coletivo, pela permanente comunicação com vocês na busca por uma ausculta contínua que nos inspirasse o melhor fazer. O relato a seguir almeja expressar isso, ao sintetizar quais foram as nossas ações políticas e associativas, internacionais, nacionais e locais, bem como ao registrar a presença de nossos livros e editoras em cada canto do país ou fora dele, onde tivemos oportunidade de ser presentes.

Findos estes quase dois anos de trabalho, somam-se algumas certezas: a de que fizemos senão tudo o que devíamos, o nosso melhor; e a de que a ABEU é potencialmente muito maior do que conseguimos perceber ou realizar. Certamente antigos desafios persistem e a estes novos se somam. Mas cremos firmemente no poder transformador de um trabalho comprometido e contínuo, bem como na razão de ser de nossas funções e cotidianos: o livro [acadêmico, técnico-científico, universitário] e seus leitores. Por e para esses, trabalho não nos falta. Juntos, certamente podemos fazê-lo de modo mais pleno, na certeza de renovados e promissores horizontes.

Mãos à obra... por obras à mão!

1. Composição da Diretoria

Diretoria Executiva

Presidente: João Carlos Canossa Pereira Mendes (Editora Fiocruz)

Vice-Presidente: Carlos Alberto Torres Gianotti (Editora Unisinos)

Diretora-Secretária: Flávia Goulart Mota Garcia Rosa (EDUFBA)

Diretor Financeiro: Jerônimo Carlos Santos Braga (ediPUCRS)

Diretor de Eventos: Gilberto de Castro (Editora UFPR)

Diretora de Difusão Editorial: Maria Candida Soares Del-Masso (Editora Unesp)

Diretor de Comunicação: Marcelo Luciano Martins Di Renzo (Editora Universitária Leopoldianum)

Diretor Região Norte: Antônio Gilson Gomes Mesquita (EDUFAC)

Diretora Região Nordeste: Maria José de Matos Luna (Editora Universitária da UFPE)

Diretora Região Centro-Oeste: Selma Lucia Lira Beltrão (Embrapa)

Diretores Região Sudeste: Helena Bonito Couto Pereira (Editora Mackenzie) / Renato Paiva (Editora UFLA)

Diretor Região Sul: Dirceu Luiz Hermes (Argos Editora da Unochapecó)

Conselho Fiscal

Conselheiro Fiscal: Astomiro Romais (Editora da Ulbra)

Conselheiro Fiscal: Honório Rosa Nascimento (EDUFSM)

Conselheiro Fiscal: Joel Corso (Editora Unijuí)

1º Suplente de Conselheiro Fiscal: Cidoval Morais de Souza (EDUEPB)

2º Suplente de Conselheiro Fiscal: Maria Nadja Nunes Bittencourt (EDUNEB)

3º Suplente de Conselheiro Fiscal: Mauro Romero Leal Passos (Editora UFF)

2. Ações Políticas

• Manutenção do diálogo com os órgãos dirigentes de políticas públicas para o livro e a leitura e busca de ampliação de diálogo e de agendamentos com autoridades governamentais em Brasília;

• Entendimentos permanentes com as entidades nacionais do livro: CBL, ANL, ABDL, LIBRE, SNEL, ABRELIVROS, com reuniões periódicas e propostas comuns às entidades.

• Interação constante com EULAC (Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe), ASEUC (Colombia), REUN/REUP (Argentina) e RED AL-TEXTO (México), bem como com as iniciativas de Equador e Costa Rica ;

• Elaboração da Carta de Campina Grande, endereçada à Comissão de Educação, Cultura e Esportes do Senado Federal, com o objetivo de registrar a rejeição das editoras associadas ao projeto de mudanças na ortografia da Língua Portuguesa no Brasil;

• Participação do presidente da ABEU (e da diretora-secretária, na qualidade de suplente) como membro do comitê do Brasil para o Salão do Livro de Paris.

• Participação no encontro de editoras latino-americanas e do México, representada pelo diretor de comunicação, Marcelo Di Renzo.

3. Ações Associativas

• Apoio institucional ao CONTEC Brasil 2014 (São Paulo e Canoas/RS)

• Apoio institucional ao Seminário O Futuro do Livro é o Livro, promovido pela Editora Fiocruz, na comemoração dos seus 20 anos;

• ABEU na Feira do Livro de Frankfurt de 2014, com participação de João Carlos Canossa na mesa-redonda Toward the Formation of an Association of University Press Associations, com a exposição intitulada Brazilian University Presses. A delegação brasileira contou ainda com as presenças da diretora secretária da ABEU, Flávia Rosa, e dos associados Alisson Neri (IAPAR), Italo Moriconi (Editora UERJ), José Castilho (Editora Unesp), José Ethan Barbosa (vice-reitor da UEPB, representando a Editora), Marieta de Moraes

(Editora FGV), Mauro Leal Passos (Editora da UFF);

• ABEU na Feira do Livro de Frankfurt de 2013, com participação de João Carlos Canossa e Flávia Rosa na palestra Brazilian university publishing: advances and challenges (A edição universitária brasileira: avanços e desafios), no estande do Brasil;

• ABEU na Feira Internacional do Livro de Guadalajara de 2014, estande do Brasil, com participação no VI Fórum Internacional de Edição Universitária e Acadêmica. Representaram ABEU, o presidente e a diretora de difusão editorial da ABEU, João Canossa e Maria Candida Del-Masso, respectivamente;

• ABEU na Feira Internacional do Livro de Guadalajara de 2013, com presença no Tercer Encuentro de Editoriales Universitarias y Académicas de América Latina y el Caribe, ocasião em que João Carlos Canossa foi reeleito vice-presidente da EULAC para a região do Atlântico. Também representou o Brasil, a diretora de difusão editorial da ABEU, Maria Candida Del-Masso;

• Fornecimento de ficha catalográfica para associadas e não associadas;

• GT para captação de recursos externos, a fim de minimizar custos aos associados e dar maior poder de atuação à ABEU;

• Busca proativa, sob orientação de um captador de recursos do mercado, de apoio financeiro (patrocínios) para a ABEU, com vistas a potencializar ações em desenvolvimento e alavancar novas inciativas;

• Publicação das edições 9, 10 e 11 da Revista Verbo.;

• Contratação da empresa Vervi Assessoria de Imprensa, para cobertura da Bienal do Livro de São Paulo de 2014.

• Contratação de assessoria de imprensa, a fim de dar maior visibilidade à ABEU e às editoras associadas, com inovações na comunicação, centradas especialmente nas redes sociais, por meio do Facebook e do Twiter;

• Reestruturação do site da ABEU, com alteração de layout e de uma plataforma mais moderna;

• Reformulação do informativo semanal ABEU em Rede, com seções mais dinâmicas e variadas, a fim de levar informação, formação e cultura aos leitores.

• Realização de dois workshops introdutórios à Feira do Livro de Frankfurt, com Cristiana Negrão, profissional experiente em eventos internacionais.

• Criação do Prêmio ABEU, visando a distinguir, anualmente, as melhores edições universitárias no âmbito das ciências humanas e das tecnociências, bem como a realçar o projeto gráfico mais acurado.

• Entrega de Comenda do Mérito ABEU, conferida a componentes e ex-componentes das Editoras Universitárias Associadas, às pessoas, instituições públicas ou privadas que tenham colaborado de forma extraordinária para o prestigio das associadas e da ABEU.

• Elaboração e aplicação de questionário online para obter dados sobre as editoras universitárias e suas múltiplas realidades.

• Participação do presidente da ABEU como vice-presidente da EULAC para a região do Atlântico.

4. Representação em feiras e eventos

2013

• 22º Encontro Anual da COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – 04 a 07 de junho, na cidade de Salvador/BA. A participação das associadas se deu por meio da EDUFBA.

• XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH – 22 a 26 de julho, em Natal/RN. Estande organizado pela EDUFRN, que estendeu o convite às editoras associadas à ABEU.

• XIII Congresso Internacional da ABRALIC – 08 a 12 de julho, na cidade de Campina Grande/PB.

• Seminário do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos – 10 e 12 de julho de 2013, nas dependências da FFLCH - Prédio de Letras, USP, na cidade de São Paulo/SP.

• 65ª Reunião Anual da SBPC – 21 e 26 de julho, em Recife/PE, com estande coletivo gerenciado pela Editora Universitária da UFPE.

• XVI Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro – 29 de agosto a 08 de setembro. Estande de 350 m2, com espaço coletivo ocupado por 47 editoras (145 prateleiras), gerenciado pela ABEU, e 8 espaços personalizados que, juntos, totalizaram 250 m^2.

• Feira do Livro no TECNOPUC – 09 a 13 de setembro, na cidade de Porto Alegre/RS, em comemoração aos 25 anos da EDIPUCRS, com espaço coletivo organizado pela Editora.

• IX ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – 11 a 13 de setembro, em Salvador/BA, a convite da EDUFBA.

• XI Feira Universitária do Livro de Curitiba – 16 a 21 de setembro, gerenciado pela ABEU.

• IV Fórum Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da Acafe e o IV Seminário Interno de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unochapecó – 25 a 27 de setembro, em Chapecó/SC, a convite da Editora Argos.

• IX Bienal Internacional do Livro de Pernambuco – 04 a 13 de outubro. A Editora UFPE recebeu o coletivo da ABEU.

• XVII Congresso Interamericano de Filosofia – 07 a 11 de outubro, em Salvador/BA, a convite da EDUFBA.

• Feira do Livro de Frankfurt – 09 a 13 de outubro. Estande oferecido pelo governo brasileiro, com 100 m2, para exposição dos livros das editoras universitárias brasileiras, junto ao "corredor universitário", composto também por editoras universitárias argentinas, colombianas e mexicanas.

• 11ª Bienal do Livro da Bahia – 08 a 17 de novembro. A EDUFBA recebeu o coletivo da ABEU em seu estande.

• VI Bienal Internacional do Livro de Alagoas – 25 de outubro a 03 de novembro, na cidade de Maceió/AL. Evento organizado pela EDUFAL, que recebeu as editoras em espaço coletivo.

• FIL Guadalajara – 30 de novembro a 08 de dezembro. Estande de 20 m^2 obtido gratuitamente pela ABEU com a Embaixada do Brasil no México, com participação de 12 editoras associadas.

2014

• 11ª feira do Livro de Joinville – 04 a 13 de abril.

• 2ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura – 12 a 21 de abril. Na cidade de Brasília/DF. Participação de 21 editoras.

• 13th International Public Communication Of Science and Technology Conference – 05 a 08 de maio, a convite da EDUFBA.

• Feira Internacional do Livro Universitário da Universidade Veracruzana, na cidade de Xalapa, México – 9 a 18 de maio.

• II Seminário Internacional: Cultura e Desenvolvimento – 14 a 16 de maio, em Chapecó/SC, a convite da Argos Editora da Unochapecó;

• XVIII Feira Pan-Amazônica do Livro – 30 de maio a 08 de junho, na cidade de Belém/PA, com participação de 18 editoras.

• X Feira de Leitura e Arte, paralela ao 19º Congresso de Leitura do Brasil – COLE – 21 a 25 de julho, na cidade de Campinas/SP.

• XVI Simpósio Regional da Associação Nacional de História, seção Rio de Janeiro – 28 de julho a 01 de agosto, na cidade do Rio de Janeiro, a convite da Editora Fiocruz.

• Encontro Estadual de História – ANPUH – 11 a 14 de agosto – em São Leopoldo/RS, a convite da Editora Unisinos.

• 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo – 22 a 31 de agosto. Estande de 300 m2, ocupados por 45 editoras no estande coletivo da ABEU (170 prateleiras), e por 5 editoras com espaço personalizado (157 m2).

• X ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – 27 a 29 de agosto, em Salvador/BA, a convite da EDUFBA.

• XII Feira Universitária do Livro de Curitiba – 15 a 20 de setembro. Feira organizada pela Editora UFPR, com participação de 20 editoras no estande coletivo gerenciado pela ABEU.

• 7ª Feira do Livro de Feira de Santana – 23 a 28 de setembro. A convite da UEFS Editora, as associadas da ABEU participaram do evento em estande coletivo.

• Feira do Livro de Frankfurt – 08 a 12 de outubro. Estande próprio da ABEU, de 20m2, com participação de 10 editoras associadas.

• FIL Guadalajara – 29 de novembro e 07 de dezembro. Em parceria com a CBL, a ABEU esteve no evento num espaço coletivo de 18 m2, representando 15 editoras associadas.

• XI Bienal Internacional do Livro do Ceará – 06 a 14 de dezembro. Estande coletivo da ABEU gerenciado pela Sra. Mileide Flores, com participação de 24 editoras, sem cobrança de taxa de participação.

2015

• II Feira Internacional do Livro Universitário da Costa Rica – 17 a 21 de março, na cidade de Heredia. Estande coletivo da ABEU em parceria com a Editora Leopoldianum.

• Salão do Livro de Paris – 20 a 23 de março, sendo a ABEU representada pelo presidente, João Carlos Canossa P. Mendes.

5. Ações Regionais

A Direção da ABEU Sul iniciou com a meta de promover maior integração e aproximação entre as editoras dos estados do Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) e o fortalecimento da Coleção Sul.

Na avaliação de Dirceu Hermes, diretor da região Sul e coordenador da Argos Editora da Unochapecó, as metas foram, em partes, atendidas. Foram realizadas, na gestão, três reuniões das editoras integrantes da ABEU e localizadas na região Sul – em novembro de 2013, em Porto Alegre (RS), em maio de 2014, em Campina Grande (PB), durante a reunião Anual da ABEU, e em setembro de 214, em Curitiba (PR).

Reunião de Porto Alegre – ações e proposições

• Fortalecimento da Coleção ABEU SUL, articulação das editoras para firmar parcerias de coedição e organização de cursos de capacitação para os profissionais que atuam nas editoras.

• Implantação de uma loja virtual das editorias filiadas a Associação.

• Criação do Prêmio do livro ABEU.

Reunião de Campina Grande – ações e proposições

• Revisão da agenda de reuniões da Sul

• Revisão dos objetivos da Coleção ABEU Sul

Reunião de Curitiba – ações e proposições

• Apresentação de diversas informações a respeito de coedição.

• Discussão sobre formas de captação de recursos para a ABEU – e-commerce como possibilidade.

• Discussão sobre livros digitais.

Cursos de aperfeiçoamento

• Em parceria com a Gráfica Pallotti, de Santa Maria, foi realizado no dia 26 de maio de 2014 uma oficina “Hands-On, finalizando arquivos digitais”. A atividade foi realizada nas dependências da Gráfica, que foi a anfitriã do evento, com a participação de 37 pessoas.

• Durante a Feira do Livro de Curitiba foram realizados cursos nas áreas do Livro Digital, Revisão de Textos e Conversa com tradutores.

A Direção da ABEU Sudeste promoveu a integração entre as editoras dos estados do Sudeste (São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro) com a participação na Feira de Livros da UFSCar e fortalecimento das publicações da região na Livraria Móvel UNESP.

6. Agradecimentos

Agradecemos a parceria das editoras que aceitaram o desafio de assumir estandes coletivos da ABEU, possibilitando a participação das associadas em diversos eventos.

Agradecemos o empenho das editoras associada em manter o compromisso de difundir o conhecimento científico brasileiro, compondo a rede de editoras universitárias, sempre com ações conjuntas e buscando harmonia nas relações, marca registrada das associadas à ABEU.

Agradecemos às instituições de origem dos membros da diretoria da ABEU (2013-2015), em especial suas editoras e equipes, pelo incansável apoio às iniciativas de nossa Associação.

Foto: arquivo pessoal



Peter Burke

SEM LIMITES

Nos dias que correm, a realidade social transforma-se à velocidade da imaginação e do desejo, da tecnologia mutante e descartável, do consumo exarcebado e da irracionalidade. Tornou-se um caleidoscópio multicolorido de cores difusas e similares, mas não iguais, cujos pequenos e múltiplos cristais não possuem contornos definidos. As arestas das pecinhas aprisionadas são vez menos nítidas, menos definidas, menos rudes.

Os mosaicos que observamos se formam de modo quase autônomo, sem um controle aparente, numa espécie de transe hipnótico coletivo e ao mesmo tempo, singular e único. Não é necessário movimentar o brinquedo como antes, para obter-

Nota do Editor: Entrevista concedida a Carlos Alberto Giannotti e Marcelo Di Renzo, respectivamente Vice-Presidente e Diretor de Comunicação da ABEU, via e-mail. Colaborou Luzia Araújo (tradução)

se novos e incomuns desenhos iluminados. Os incontáveis fragmentos parecem dotados de tal liberdade que não mais se relacionam somente com os mais próximos , mas com todos os demais, onde quer que estejam. Estabelecem uma rede multifacetada que arquiteta imagens sobre imagens, num frenesi enlouquecedor e incompreensível, por vezes.

O olhar bem atento percebe que as partículas deste jogo se recriam a todo instante, mudam de forma e de cor, se tingem de outras formas e cores que não eliminam sua originalidade, mas a escondem, a disfarçam, a tornam camaleônica.

Tal reconstrução cultural marca o cotidiano do século 21. Não há mais limites à mistura, à contaminação, à adequação ou a supressão de tradições, hábitos, valores, conceitos, idiomas, códigos. Há uma corrida a um mundo sem barreiras ideológicas sólidas, a um tempo reorganizado de modo a dar mais tempo à vida. Há o desejo de criar-se o sujeito planetarizado sem a necessidade de que este saia de seu lugar de origem. A experimentação física do aprendizado ganha suportes virtuais que a substitue. São suportes autônomos e individuais. Surge um novo Éden imagético e violento para abrigar o novo casal primordial reinventado.

Nos novos dias que correm, a academia vivencia modificações em seu fazer para adequar-se ao fluxo, sem perder a sua condição de agente transformador da realidade social, mesmo quando se empenha mais em acompanhar o ritmo avassalador da internacionalização de tudo e de todos.

Hibridização social e cultural. O conceito é pertinente à compreensão do jogo disforme que envolve todas as gentes da Terra. E a produção editorial universitária experimenta os impactos na medida em que é uma atividade estratégica e vital ao desenvolvimento almejado pelas instituições de ensino superior, em especial pela sua capacidade histórica de consolidar pontes e vínculos entre os pólos geradores de conhecimento necessário à sobrevivência da humanidade.

Para tratar-se da supreestrutura social decorrente do hibridismo cultural, que se reinventa a cada dia, entrevistamos com exclusividade Peter Burke. Professor de História da Cultura na Universidade de Cambridge até a sua aposentadoria, em 2004, continua atuando como membro colaborador no Emmanuel College, da mesma instituição. Dedica-se atualmente a um estudo comparado do papel de exílios e expratriados na história do conhecimento ao examinar o mundo acadêmico ocidental no período de 1500-2000, abrangendo a diáspora protestante dos séculos 16 e 17, o êxodo judeu dos anos 1930, os expatriados alemães na Rússia do século 18 e os expatriados franceses no Brasil do século 20.

• • •

Em decorrência de fatores como a expansão do mercado consumo e o avanço das tecnologias de comunicação, a mistura de práticas culturais de diferentes origens ocorre em ritmo muito rápido. Isso ocorre entre nações, mas também entre regiões de um mesmo país. Quais as consequências de substituírem-se hábitos e costumes tradicionais por novas tendências num curto período de transição?

De fato, as práticas culturais estão se misturando. Não é fácil estimar a rapidez desse processo de mistura, e ele pode variar em ritmo (e talvez em profundidade também) em diferentes regiões, mídias, gêneros etc. É ainda mais difícil dizer o que pode ser considerado "muito rápido". Também não é fácil avaliar os efeitos dessa mistura; precisamos de estudos empíricos sobre a recepção de elementos culturais externos entre diferentes grupos em uma mesma região, bem como de comparações entre diferentes regiões e países. Mas eu não diria que, em um tempo e em um lugar quando e onde as pessoas vivenciam uma rápida mistura, as diferenças culturais entre gerações vão se acentuar.

"Não acredito em uma era passada de pureza cultural. O hibridismo cultural vem ocorrendo há milhares de anos"

O hibridismo cultural pode significar uma ponte de tolerância às diferenças culturais, talvez uma contribuição à paz mundial. Essa interpretação parece coerente, mas ao mesmo tempo distante de ser viável quando se observa a existência de conflitos atuais em nome justamente das diferenças culturais. A "mistura" cultural tem a capacidade de desempenhar um papel de política de pacificação?

Fico tentado a inverter a sua primeira afirmação e a sugerir que um clima de tolerância a diferenças culturais é uma ponte para a hibridização, estimulando empréstimos e misturas. O problema é que existem apenas bolsões ou microclimas de tolerância. Além disso, essa mistura, vista como a

invasão da cultura de alguém por forças externas, torna o intolerante ainda mais intolerante e até mesmo violento. No que se refere à paz mundial, isso depende não apenas desse tipo de clima, ele próprio já bastante difícil de estabelecer, mas também de uma reconciliação entre diferentes interesses, o que é ainda mais difícil!

Alguns pensadores, como o francês Gilles Lipovetsky, falam no surgimento de uma cultura-mundo, uma nova maneira de entender-se o mundo e nele viver. Estamos caminhando para um mundo culturalmente híbrido?

Não acredito em uma era passada de pureza cultural. O hibridismo cultural vem ocorrendo há milhares de anos, em cidades e em fronteiras. Atualmente, creio eu, o processo é simplesmente mais rápido e possivelmente mais intenso do que antes, embora os elementos de mistura sejam provenientes de lugares mais distantes. Isto significa que não estamos diante de um problema novo, mas de uma versão mais apurada de um problema antigo. Uma cultura mundial unificada exigiria, e talvez nos fornecesse, uma nova maneira de compreender o mundo, mas ainda estamos bem longe de uma situação desse tipo, felizmente talvez.

A hibridização cultural pode ocorrer, segundo o senhor, a partir de quatro pressupostos básicos, elencadas na seguinte ordem: a noção de iguais e desiguais; a ideia das tradições de apropriação; a situação entre a metrópole e as regiões ao redor e fronteiras; e a concepção de classes como culturas. No entanto, hoje existe uma tendência global à individualização, de forma tal que cada sujeito passa a ser/ exibir uma cultura própria, única, resultado de muitas tendências. Passa a ser um ícone num ambiente de ícones. É viável pensar-se, diante disso, em mais um pressuposto à hibridização

O processo de hibridização cultural pode e deve ser estudado em diferentes níveis. Em meu livro, concentrei-me no nível macro, mas, evidentemente, é possível e realmente útil centrar o foco no individual também e estudar (como o fez Michel de Certeau, no caso da cultura popular francesa nos anos 1970s) o que se escolhe a partir do menu cultural disponível aos indivíduos. Não vejo isso como um novo elemento; é uma parte de todos os elementos.

Há uma forte tendência das universidades brasileiras buscarem o caminho da internacionalização. Nesse contexto, as editoras universitárias movem-se no sentido de atuarem num patamar mais profissional de comercialização de direitos autorais no exterior e de desenvolverem coedições. No setor de periódicos científicos, está em curso a adequação de revistas brasileiras às exigências editoriais estrangeiras, de modo garantir maior circulação internacional da produção científica brasileira. Quais suas recomendações para que esse caminho, potencialmente híbrido, traga resultados mais positivos que negativos à produção editorial universitária brasileira?

A padronização de normas promove a circulação de conhecimento do mesmo modo como a padronização de pesos e medidas no século 19 promovia a circulação de mercadorias. Não acredito que essa padronização pragmática necessariamente fará com que artigos em publicações acadêmicas pareçam o mesmo; afinal, na Europa, é fácil reconhecer os estilos de pensamento francês, alemão e inglês nessas publicações, independente do idioma no qual os artigos são escritos! Confrontos e conflitos entre essas diferentes abordagens continuam sendo frutíferos.

Principais publicações traduzidas no Brasil:

1.O Renascimento italiano - cultura e sociedade na Itália (Tradução de José Rubens Siqueira, São Paulo: Nova Alexandria, 1999)

2.Cultura popular na Idade Moderna – Europa 1500-1800 (Tradução de Denise Bottman, São Paulo: Companhia das Letras, 1989)

3.A fabricação do rei – a construção da imagem pública de Luís XIV (Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 1994)

4.História e teoria social (Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer, São Paulo: UNESP, 2000)

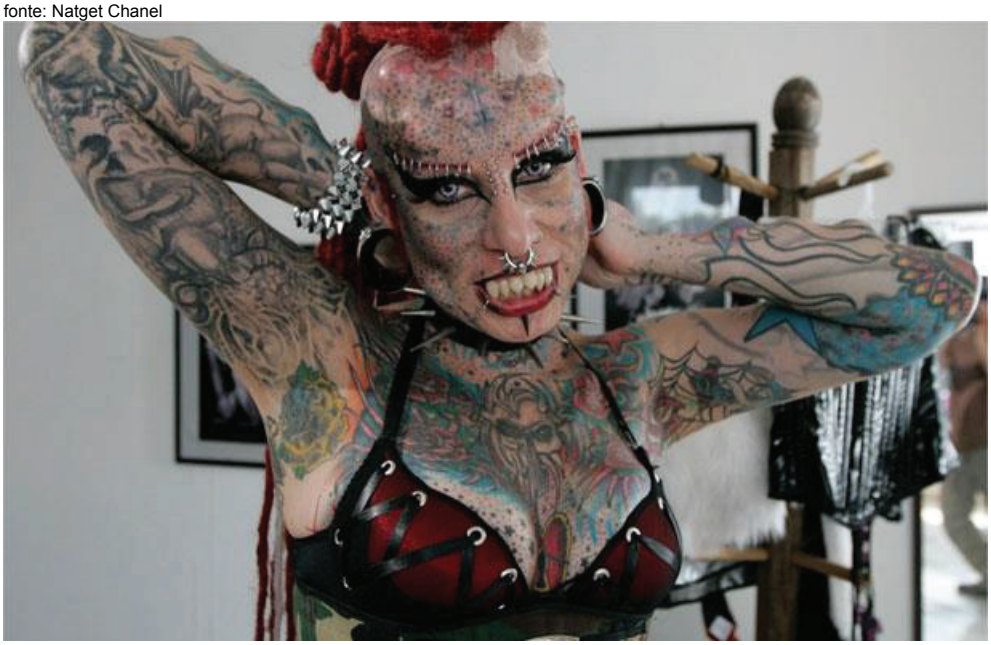
5.Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa moderna (Tradução de Cristina Yamagami, São Paulo: UNESP, 2010)

6.Uma história social do conhecimento – de Gutemberg a Diderot (Tradução de Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar, 2004)

O CORPO COMO TEXTO DE CULTURA. A visualidade da imagem do corpo em suas mudanças extremas

Viviane Lima Martins[1]

fonte: Natget Chanel



Tabu América Latina: "a contra-cultura"

Como qualquer outra realidade do mundo, o corpo humano também é socialmente construído. Segundo Baitello Jr. (2005), o corpo, considerado como texto, apresenta uma série de significações, e pode representar a cultura dos grupos. Se cada cultura tem sua teia de significados, como afirma Santos (2006), todo discurso que se pretende parte de uma cultura - ou que busca persuadir um sujeito inserido nela – deve estar de acordo com esses significados. Logo, o discurso midiático é produzido em consonância com as condições sociais do período em que se inscreve. Nesse contexto, o corpo é um instrumento de comunicação e inscreve sobre si uma composição textual e a cultura de um indivíduo, ou grupo de indivíduos, é refletida em suas atitudes e sua caracterização. Por sua vez, estigmas sociais são desenvolvidos e promovidos pela mídia, criando conceitos de valores. Para ilustrar a questão do corpo-imagem na mídia tomemos como exemplos os programas televisivos Extreme Makeover[2] e Tabu América Latina[3], os

[1] Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, na área de Análise das Mídias. Professora e coordenadora no núcleo de pós-graduação da UNIMONTE/Santos, professora na UNIESP/FAGU, e colaboradora na avaliação de produtos midiáticos da TV Escola/MEC.
[2] Reality show exibido entre 2004 e 2009 pelo canal People and Art.
[3] Série-documentário exibida desde 2011 pelo canal NatGeo.

quais abordam a imagem do corpo de maneiras antagônicas.

As máscaras identitárias, forjadas pela indústria do entretenimento e veiculadas ao grande público, são, sobretudo, imagens da distinção. Elas suscitam, em teor de espetáculo, um sentimento de admiração e se tornam responsáveis por produzir, vereditos temporários que, até nova ordem, indicam os padrões legítimos, àquilo que é dotado de valor e de reconhecimento. Recorrer a uma intervenção, como a que ocorre no reallity show Extreme Makeover, com um intuito apenas estético, não significa sair de lá com menos pontos ou cicatrizes do que aqueles que as fazem em estúdios de tatuagens, como as que ressaltam a série de televisão Tabu América Latina, a qual traz as alterações feitas no corpo as quais são tidas por repulsa, por estarem à margem da estética padrão "convencional".

fonte: NBC Chanel



Extreme Makeover: "mídia como fada-madrinha"

Com relação ao processo de visualidade, Hans Belting (2005, p. 69) afirma que "a medialidade de imagens é originada da analogia ao corpo físico e, incidentalmente, do sentido em que nossos corpos físicos também funcionam como meios – meios vivos contra os meios fabricados". Correlacionando com os programas Extreme Makeover e Tabu, o medium corpo funciona em duas vertentes: uma como suporte da arte-mudança, e outra como o receptáculo o qual recebe a imagem, através do olhar, e esta desencadeia reações sensoriais no corpo daquele que observa. Muito além de sermos um corpo atemporal, constituímos um universo corporal que abarca não somente o corpo erógeno, pulsional, mas, também uma unidade que se constitui historicamente num processo dialético que compõe a subjetividade.

Segundo Beatriz Ferreira Pirez, "é através dele [corpo] que estabelecemos nossas relações com tudo o que é externo a nós, e é através dele que, mesmo inconscientemente, se manifesta tudo o que é interno a nós" (2005, p.89). Para a autora, o sujeito feliz é o homem que realiza suas vontades, que consome. As marcas de identidade (como as modificações no corpo) são utilizadas como instrumento de aceitação e pertencimento junto a um determinado grupo. Neste contexto, Bourdieu nos aponta que o corpo não é somente um texto ao qual a cultura inscreve suas marcas e características, ele é igualmente um lugar prático direto de controle social. Desse modo, através de regras e práticas, sejam elas consideradas banais (normas de alimentação, hábitos de higiene, modos de vestir, formas de lazer), ou extremas, porém tentando ser convertidas em atividades habituais, é que a cultura "se faz corpo" (1977, p.94*)*.

Como nos apontam os programas Extreme Makeover e Tabu América latina, algumas alterações extremas feitas no corpo são tomadas como atitudes positivas, enquanto outras, ainda que possuam o mesmo grau de intensidade, são tomadas por repulsa.

A imagem do corpo, transformado ou deformado, é a própria mídia, e esta costuma trabalhar com um mecanismo discursivo que faz com que a imagem crie uma nova realidade. Tais dispositivos possuem um caráter fermentativo, onde o tempo é apagado, sobra apenas imagem e espaço. Esse "aqui e agora" é elemento chave, pois o corpo se torna atemporal, sendo visto como um corpo-espetáculo, "a alienação do espectador em favor do objeto contemplado" (DEBORD, 1997, 24).

Sobre a visualidade do corpo-imagem, o interessante é que mesmo que o ato de expressão já se constitua num mundo cultural, no sentido de que pressupõe a aquisição de certos valores e a filiação a certos modelos de conduta, este corpo tem sempre a capacidade de, a partir delas, transcendê-las: "apoia-se nelas, assim como numa onda, ajunta-se e retoma-se para projetar-se para além de si mesmo" (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 267).

"Falar em co-evolução significa dizer que não é apenas o ambiente que constrói o corpo, nem

tampouco o corpo que constrói o ambiente. Ambos são ativos o tempo todo". (GREINER, 2005, p.43). Assim, por ser um sistema irreversível, o corpo humano não pode ser compreendido independentemente do ambiente que habita e da cultura que vivencia, já que na verdade, estes fatores acabam por se co-produzirem e interrelacionarem, modificando-se uns aos outros durante a interação, produzindo conhecimento. Para o espectador, este processo pode ser claro e objetivo ou pode esconder as reais intenções das imagens na mídia; assim, a imagem pode funcionar como uma janela ou como um biombo para o olhar humano, é uma questão de olhar.

REFERÊNCIAS

BAITELO JR., Norval. A era da iconofagia. São Paulo: Hacker, 2005.

BELTING, Hans. Por uma antropologia da imagem. Rio de Janeiro, Revista Concinnitas, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Outline of a Theory of Practice, Cambridge University Press 1977.

DEBORD, Gilles. A sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GREINER, Christine. O corpo – pistas para estudos indisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PIREZ, Beatriz Ferreira. O Corpo como suporte da arte. São Paulo: Senac, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. A gramática do tempo. São Paulo: Cortez, 2006.

UMA AULA NO TURISMO. Apresentação do contexto educacional

Renan de Lima da Silva[1]
Eduardo Mauch Palmeira[2]

O texto apresenta uma análise baseada em uma micro perspectiva dos conceitos de hibridismo cultural com base nos preceitos educacionais contemporâneos, partindo da empiria e experiências para exemplificar como a internacionalização constrói uma educação híbrida, consequentemente, abrangente e com respeito às diferenças.

O fato é que, com a compreensão da importância do hibridismo cultural na educação contemporânea, através da análise de um pequeno caso, como uma aula que é aqui exposta, pode-se perceber a importância da mesma não só numa perspectiva macro, como um currículo acadêmico de um curso, por exemplo, bem como na antropologia, nas leituras dos textos de Mauss (2002). Nesses textos, o entendimento de um micro caso pode dar a compreensão de um macro caso, como a internacionalização proposta por alguns dos autores que apresento no decorrer.

Para tanto, iniciaremos com discussões acerca do planejamento da aula e da sua execução em si, sendo, durante esta exposição, apresentados os conceitos e preceitos epistemológicos, que justificam o demonstrativo da importância do hibridismo cultural e da internacionalização num contexto de sala de aula e, consequentemente, de um currículo acadêmico no caso do turismo.

O plano traz já em seus objetivos, características contemporâneas dos conceitos educacionais e pedagógicos atuais, além de ter em sua concepção não um e sim quatro professores, proposta que demonstra um diálogo na estruturação do planejamento, ocasião em que os próprios aparentemente discutiram aquilo que iriam trazer como proposta para a aula. Segundo Morin (2005, p. 21) “A educação deve-se dedicar, por conseguinte, à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras.” E ainda segundo o autor, todo conhecimento é passível de interpretação, desde que este seja interpretado e criticado - temos por consequência, a identificação e correção desse.

Ainda segundo Geertz, (1989) tudo é um texto passível de interpretação, bem como trejeitos, percepções, ditos e não ditos representativos no contexto educacional e nas experiências sociais próprias desse contexto e que fazem parte da construção feita neste ambiente que, por consequente, necessita ser harmônico, ético e despido de pré-conceitos.

Tal ambiente pode ser oportunizado através do hibridismo cultural e da internacionalização, o que proporciona o conhecimento de outras culturas e, com esse entendimento, o respeito à diversidade cultural, que é encontrada nos ambientes acadêmicos e profissionais contemporâneos.

Portanto mostrou-se durante uma aula e, na análise do plano, a importância do

[1] Graduado Gestão de Turismo (Unipampa) e Mestrando em Turismo (UCS)
[2] Economista da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) Professor da Faculdade IDEAU de Bagé. Mestre em Integración Económica Global y Regional(UNIA) Málaga - Espanha

entendimento do grupo sobre o descrito na disciplina onde esta foi ministrada. Os objetivos tiveram como princípio auxiliar em um processo construtivo de conhecimento, que segundo Paviani (2010), seria a forma de traspor paradigmas e então ter a compreensão do conhecimento científico e da educação como um processo de construção e revisão constante.

Além disso, temos também nos objetivos, a identificação de auxílio a que os alunos tenham um pensamento reflexivo e ,com isso, percebam sobre o objeto de estudo da aula com o auxílio dos professores, ideias corroboradas pelo entendimento de uma educação contextualizada e problematizada da ciência e do turismo, no caso, descrito por autores como Trigo(2002) na formação do turismólogo e Gómez Nieves (2012).

Com base nesses preceitos, temos como dividir a aula em três momentos, e dessa forma analisar melhor o entendimento epistemológico educacional dos professores.

O primeiro momento, em que cabe reflexão, nos remete à interação proposta com o conhecimento da turma, seus objetivos, expectativas e entendimentos sobre o curso. Com isso, tem-se as ideias de Morin(2005) que pautam o repensar e o refletir, trazendo para os alunos a própria reflexão sobre aquilo que pensam estar estudando de fato, criando desde a primeira aula uma atitude questionadora e problematizadora sobre o seu fazer e a sua ciência.

Em um contexto mais amplo, de problemas transculturais, transversais e multidisciplinares, não em contextos geográficos e sim em contextos culturais, a internacionalização na educação, representa, para além das fronteiras geográficas uma compreensão de fronteiras culturais representadas no texto de Morin (2005 p.31) :

> "problema universal confronta-se a educação do futuro, pois existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários."

O que também nos é importante, já em um segundo momento avaliado da aula, quando se trazem imagens que gerem tal reflexão sobre o que é ou não turismo, traz um entendimento da complexidade das relações estabelecidas no segmento e, para tanto, mostrar o que é necessário para a compreensão de um todo científico, multidimensional e complexo, principalmente pela transversalidade das disciplinas sobre as quais esse discorre.

A forma, como se buscou tal aplicação e como demonstrar tais conceitos, gera uma reflexão sobre a interdisciplinaridade dos contextos científicos atuais, que segundo Paviani(2008), é inerente aos saberes contemporâneos, e ainda mais no contexto do estudo do turismo.

Em um terceiro momento, a proposição de que eles, os professores, se recoloquem após fazer essa reflexão, demonstra a necessidade de constante revisão do fazer científico, e a importância da problematização e do questionamento no cotidiano atual.

O visto e analisado no transcorrer da aula e do projeto que nos foi apresentado, vem em congruência às tendências de mercado e às necessidades do estudo do turismo, esse descritos por Trigo (2002), Bridi e Santos (2012) os quais demonstram que, na contemporaneidade, no contexto da sociedade atual e no mercado do turismo, necessita-se não só de sujeitos com técnicas, mas também de sujeitos que criem tais técnicas, adaptáveis e que entendam a complexidade da atividade, sabendo agir da melhor forma de acordo com o contexto em que se encontram.

Com essas representações apresentadas, segundo um plano de aula e uma aula ministrada no Turismo, pode-se perceber a interjeição dos conteúdos educacionais contemporâneos nas aplicabilidades das aulas atuais, representando, assim, a aplicabilidade do entendimento do híbrido acadêmico que é na atualidade a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRIDI, G; SANTOS, M.M.C. Formação e atuação do turismólogo no cenário das agagências de turismo: contrapondo competências. Porto Alegre: edi-PUCRS; Editora Universitária Metodista IPA, 2012.

GEERTZ, Clifford. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13-41.

GÓMEZ NIEVES, Salvador. Educación superior e investigación turística: retos, problemas y desiluciones. 2. ed. Guadalajara/Mx: Universidad de Guadalajara. Centro Universitario de Ciencias Económico Administrativas, 2012.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 10.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2005.

PAVIANI, J..Interdisciplinaridade: conceitos e distinções. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

PAVIANI, Jayme. Problemas de filosofia da educação: o cultural, o político, o ético na escola, o pedagógico, o epistemológico no ensino. 8.ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010

TRIGO, L.G.G. A sociedade pós-industrial e o profissional em Turismo. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002 (Coleção Turismo)

HIBRIDISMO CULTURAL NO CICLO DA BORRACHA

João Batista Cardoso[1]



fonte: cdn.ruralcentro.com.br/1/2012/8/13/sangria-da-seringueira.jpg

INTRODUÇÃO

O hibridismo é a etiqueta mais essencial da civilização, no âmbito da cultura. Houve um momento em que a incorporação de certas etiquetas em grupos humanos específicos era pertinente. Os povos mais antigos eram demarcados por identidades culturais nítidas e perenes. A partir das invasões, das descobertas de meios mais eficazes de transporte e, sobretudo, quando civilizações mais fortes começaram a escravizar as mais fracas, iniciou-se um processo de mestiçagem cultural que vem se acentuando ao longo do tempo e atingiu seu ápice com a globalização.

Esse processo, nos dias que transcorrem, culminou por derrubar as fronteiras culturais que separam povos, mantendo apenas as fronteiras políticas que dividem países, porque são divisões necessárias para demarcar espaço por medida de interesses econômicos e para a salvaguarda dos símbolos que identificam nações em torno de leis e formas de vida e heróis particulares. Identidade e cultura foram postas num devir, tornando-se factíveis de mutações constantes levadas a efeito

[1] Pós-doutorado concluído na UFMG, com a pesquisa “Um mapa da história sobre o mapa da literatura: história e hibridismo cultural na ficção latino-americana”. Novo pós-doutorado em andamento na UnB, com a pesquisa “A inserção da história em obras de Alejo Carpentier, Antônio Torres e Júlio Cortazar”. Doutor em Literatura Brasileira e Mestre em Teoria Literária pela UnB, onde concluiu também sua graduação em Pedagogia e Letras.

pelo contato entre povos, conforme se lê na pesquisa do jovem pesquisador da Universidade de Brasília (Rafael Voigt Leandro), quando ele, na condição de pesquisador desse fenômeno na área cultural amazônica, expressa a opinião, em referência a personagens de Hatoum, que "por vezes libaneses, sírios, marroquinos, encontram-se na eretz Amazônia" (LEANDRO, 2014, p. 198). Esses povos aparecem não tanto como entidades individuais, mas como formas culturais que contribuíram para dar um sentido novo aos costumes locais. Esse sentido novo tem seu reflexo na ficção, pois "é a cultura que fornece os modelos para o romancista construir sua obra." (CARDOSO, 2008, p. 83).

Os momentos mais intensos da internacionalização podem ser exemplificados, no contexto brasileiro, em três situações. A primeira ocorreu na Guerra do Paraguai, quando milhares de brasileiros se uniram aos argentinos e aos uruguaios na luta contra Solano Lopes. O outro momento se deu em razão da ditadura de 1964 que levou milhares de estudantes e intelectuais brasileiros a buscarem no exílio uma forma de sobrevivência ou de manifestação de sua revolta. No primeiro caso, os guerreiros retornaram com ideais republicanos de forma de governo. Essas ideias associadas a certas ênfases filosóficas, como o Positivismo, culminou na quartelada de 15 de novembro de 1889, quando a República foi implantada. No segundo caso, os intelectuais e os estudantes que deixaram o país trouxeram novas experiências que se somaram às que conheciam no Brasil. A junção dessas experiências levou às lutas pela redemocratização concretizada em 1985.

A terceira situação resultou do surgimento e do desenvolvimento de um sistema universitário sólido. O aparecimento das universidades e sua evolução até o quadro atual contribuiu para o aceleramento do processo de hibridismo cultural, porque hoje os diversos cursos universitários têm sua completude condicionada à continuidade de estudos em outros estados ou países. Estudantes partem para outras realidades, onde as lembranças da terra ancestral se imiscuem em seus discursos sobre a terra que os acolhe. Quando retornam trazem um discurso mestiço, cujo resultado definitivo ainda está no horizonte das perspectivas históricas.

CICLO DA BORRACHA: UMA FORMAÇÃO HÍBRIDA NA AMÉRICA

A universidade tornou-se contemporaneamente um lugar privilegiado para se viver a mestiçagem cultural e para estudá-la. Os estudos que o jovem pesquisador Rafael Voigt Leandro vem realizando nos últimos anos, em seu doutoramento na Universidade de Brasília, sobre o ciclo da borracha, em sua dimensão literária oferece condições para explicar o processo de hibridismo no âmbito da cultura e, sendo um aspecto do conhecimento desenvolvido no âmbito da universidade, dá luzes para se entender a importância que essa instituição tem para o entendimento de semelhante processo.

Leandro realiza um levantamento das vozes que dialogam na cultura literária da Amazônia, formando um mosaico que traduz distintas ênfases que, no entanto, convergem para uma só forma cultural. As culturas são dinâmicas e têm na modificação constante uma dentre suas características imanentes. Quando duas culturas são postas em contato, a reação de ambas é no sentido de manter sua estrutura, sem que a outra possa interferir em sua dinâmica. O processo inicial é, portanto de resistência, haja vista que cada uma das culturas em contato tem suas qualidades acentuadas de modo a não permitir que a outra venha a alterar essas qualidades nem sua dinâmica interna. Esse caráter de esgotamento de todo objeto estético, em razão de sua exposição a objetos produzidos com ênfase diversa indica que a cultura é uma realidade humana em constante processo de nascimento e renascimento.

Após um exaustivo estudo de um memorial de nacionalidades amazônicas, em que os nomes dos principais escritores andinos são citados e sua obra estudada no que tange ao diálogo que estabelecem entre si, Leandro (2014, p. 62) enfatiza que "Alberto Rangel amplia as possibilidades dessa comunicabilidade sociocultural e histórica de nações envolvidas na história do ciclo gomífero, como um dos capítulos da formação da nacionalidade brasileira". Para ele, essa formação só pode ser compreendida pela "inserção da Amazônica em outras culturas de contato sul-americanas, as quais compartilham do imaginário amazônico" (LEANDRO, 2014, p. 32). Essas ponderações de Leandro resumem o processo de hibridismo cultural que fomentou a existência de uma cultura particular que recebe o nome de cultura amazônica e que abrange desde o norte brasileiro até as nações andinas.

Toda forma literária, quando tomada no sentido de um conjunto de obras de um certo lugar, não deve ser vista como formação híbrida, mas como uma série de obras em que cada autor exercitou sua liberdade de criação e o talento que move sua sensibilidade na direção das letras. Entretanto, quando as obras resultam de esforços individuais no sentido de interpretar certa cultura e dar a ela um significado particular, torna-se inevitável o diálogo entre elas. Esse diálogo se dá remotamente pelo próprio

intercâmbio que cada autor mantém com a mesma cultura; isto é, não é necessário que os autores manifestem a vontade de juntos produzirem obras com temas similares, mas que suas obras, mantendo contato com um universo mítico particular, dialoguem todas com esse mesmo universo. O produto resultante é o hibridismo cultural manifestado por meio de uma dada formação literária.

O trabalho de Leandro culminou, dessa forma, por ser sua contribuição pessoal para entendimento de fenômeno tão importante, mas tal contribuição não teria se dado sem o concurso da universidade que lhe proveu os meios para realizar o estudo. Nos implícitos de sua escrita o hibridismo surge calcinado na forma de um ciclo literário. Num primeiro momento a produção de borracha oriunda da exploração da seringueira atraiu para os rincões da Amazônia os povos que buscavam um meio de sobreviver e aqueles que queriam enriquecer. Formou-se então o ciclo econômico da borracha, que muito cedo ativou os aspectos de um devir cultural pela transformação da cultura do elemento autóctone em face de seu contato com o elemento exógeno. A transformação, no caso presente, tem mão dupla, pois o elemento que vem de fora, ao mesmo tempo que traz sua música, sua dança, seus interesses, seus deuses, apropria-se das danças, dos interesses e dos deuses que encontra no lugar para onde vai. O contato entre culturas culmina, assim, por produzir nova manifestação cultural híbrida, porque guarda traços das culturas em contato.

As mudanças levadas a efeito na estrutura econômica e social da Amazônia pelo ciclo econômico da borracha produziu, nas palavras de Leandro (2014, p. 8), “novas condições materiais para a produção e circulação da literatura, impulsionadas pela atmosfera belle époque de Belém e Manaus”. Ora, Leandro não se refere à belle époque como é conhecida desde que apareceu como etiqueta cultural na Europa. Ele a particulariza como fenômeno cultural adaptado à vida de Belém e Manaus, uma belle époque mestiça, visto que se apresenta atravessada pela nova cultura que passou a transitar no norte como resultado do encontro de outras culturas que chegaram nas bagagens antropológicas das gentes do nordeste, do litoral e do sul, e a partir do contato entre os escritores amazônicos com seus congêneres andinos. Leandro (2014, p. 77) arremata a questão, quando afirma que o “enquadramento do perfil globalizante possibilita a todos, independentemente da raça ou etnia, aspirar a uma condição considerada ‘superior’, ainda mais num período belle époque.

Para traçar um perfil longitudinal do fenômeno em tela, Leandro aborda Euclides da Cunha e Alberto Rangel na protomemória do ciclo, Raimundo Morais e sua ênfase sobre o indianismo dos seringais, quando figuras representadas por José de Alencar reaparecem adaptadas a essa nova realidade do século XX. Além desses, o pesquisador enfatiza, também, Dalcídio Jurandir e seu olhar sobre a periferia de Belém. O ciclo se completa quando Leandro traz à tona Cláudio de Araújo Lima, localizado na pós memória e cujo ponto de vista é mais crítico que descritivo. Finalmente, a memória reflete-se sobre si mesma em Milton Hatoum depois de passar pela globalização do fenômeno enfocado por Márcio de Souza.

Leandro pensa a literatura amazônica como um ciclo. Essa consciência aparece como tema central em sua pesquisa, admitindo, no entanto, transversalmente, o tema da mestiçagem cultural, pois todo ciclo é mestiço. Isto é, a literatura amazônica, a partir do olhar do citado pesquisador, é uma forma que se torna híbrida porque assume os tons de diversas naturezas culturais demarcadas por fronteiras que a sediam desde a épica dos sertões amazônicos, com Euclides da Cunha e Alberto Rangel, o retorno do índio de Alencar em Raimundo Morais, a formação das periferias de Belém pelos deserdados da borracha, em Dalcídio Jurandir, o coronelismo em Cláudio de Araújo Lima, o encontro da locomotiva com os seringais, quando Márcio Souza pretendeu indicar a tentativa de se trazer para a mata a modernidade tocada a motor e finalmente, o ciclo que se dilui a partir do olhar de Milton Hatoum. Tudo isso somado aos inúmeros nomes que comparecem para representar a área andina.

Ressalta-se, mais uma vez que Leandro não tinha em mente a realização de um estudo voltado para a questão do hibridismo como fenômeno que produziu o devir cultural no cenário da literatura amazônica; mas ao levar essa literatura para a universidade e transformá-la ali em objeto de estudo, o que se viu ao cabo foi uma abordagem que privilegiou a mestiçagem cultural, avultada no diálogo que ele estabeleceu entre as obras que formaram o ciclo literário da borracha.

A obra síntese dessa fase, aquela que reúne as qualidades do todo, na medida em que representa com mais veemência a memória global do ciclo da borracha em sua manifestação literária é Mad Maria, de Márcio Souza. No resumo de sua tese, Leandro adianta que essa obra revela “os sentidos da globalização inerentes à construção da ferrovia Madeira-Mamoré”, representando os diversos atravessamentos históricos e culturais do período.

Inglês de Sousa despertou a consciência universal para a Amazônia, na perspectiva de seus mitos



fonte: d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/img/original/pnj_habit__26_.jpg

e sua exuberância. Euclides da Cunha complementou essa perspectiva, quando buscou maneiras de racionalizar esses mitos que aparecem em sua obra como componentes de um espaço a ser integrado à nacionalidade. A terra e seus mitos leva inúmeros autores a uma concepção ufanista diante de um universo pujante. Todos esses olhares resultaram na mirada modernista, cujos autores são representados por Hatoum.

Euclides da Cunha está entre os que, primeiramente, inseriram a Amazônia em seu projeto de explicação do país. Para ele, a contradição mais contundente que emperrava o progresso da nação consistia na existência de realidade autônomas. Sem tentar simplificar o fenômeno, pode-se identificar, na visão de Euclides, pelo menos quatro realidades: a Amazônica, o sertão nordestino, o litoral e o Sul. Porquanto houvesse uma dupla identidade demarcada pela aproximação entre o litoral e o sul e entre o sertão nordestino e a Amazônia, essa identidade encontrava entraves para a ocorrência do hibridismo, porque ambos — litoral e sul — se viam em termos de sua superioridade em relação ao outro. Quanto ao norte e nordeste, o problema residia na luta pela sobrevivência. As quatro realidades culminaram, portanto, pela formação de duas que resistiam os contatos entre si, por razões antropológicas, no que tange ao norte e por motivos ideológicos, no âmbito do litoral. Mas o que Euclides da Cunha viu como separação entre duas realidades com certo isolamento no interior de cada uma delas, aparece como união nas frentes de trabalho em busca da borracha que aumentaria a riqueza de uns e proveria a outros do substrato alimentar que manteria sua força de trabalho.

Inúmeros pesquisadores vêm se somando a tantos outros que se preocupam com os efeitos dos contatos culturais sobre a formação da cultura em geral. Esses estudiosos podem ser representados por Linda Hutcheon que Leandro traz para suas considerações quando enfatiza que a obra Mad Maria (que contém a síntese dos arranjos híbridos no cenário amazônico) adota o arranjo pós-moderno, nos termos com que Linda Hutcheon o define

(LEANDRO, 2014, p. 177). Esse arranjo remete ao conceito de ficção que se dobra sobre si mesma, que na concepção de Hutcheon, é uma característica do pós-moderno e aparece como uma convivência entre o esgotamento de um ciclo e a descoberta de novas formas de apresentação de objetos estéticos demarcados. Esgotamento aqui não tem o sentido de apagamento, ao contrário a estética assume novas formas de apresentação, pela soma das formas imperantes ao longo da história da arte. A própria estética encontra, portanto, seu momento híbrido, em que o papel do leitor e do espectador sofre alteração, na medida em que ele não busca mais na obra o reconhecimento de uma realidade empírica, palpável, mas entidades que possam ser um reflexo de si mesmo. Vem daí o conceito de metaficção, que Hutcheon vê como um paradoxo, já que o leitor é, por um lado, "forçado a reconhecer o artifício, a 'arte', do que está lendo; por outro lado, exigências explícitas são feitas a ele como coautor, para respostas intelectuais e afetivas comparáveis em extensão e intensidade àquelas de sua experiência de vida" (HUTCHEON, 1984, p. 5).



fonte: www.sxc.hu/

Leandro se rende à concepção da cultura amazônica como entidade híbrida, quando admite que a América peruana — que podemos alterar para América amazônica — é um espaço de encontro entre nações, não somente porque essas nações ocupam o mesmo espaço geográfico, mas porque dividem as mesmas qualidades culturais. A Amazônia brasileira faz parte dessa América. Ora, se o encontro de nações na Amazônia brasileira e na hispânica ocorre, preferencialmente, por meio de obras literárias seu efeito é resultante da ação dos intelectuais deslumbrados em face do mundo novo representado pela vastidão da selva e de seus mitos.

Na Amazônia, o homem, a fauna e a flora se constituem no âmbito de um folclore peculiar que, no limite, transforma esse território particular em um laboratório privilegiado para estudos que focalizam a formação de uma nação, visto que aqui se percebe a mudança dos atores que participaram do drama histórico, mas a história é a mesma da formação do Brasil e quiçá da América nos primeiros anos da colonização, quando elementos econômicos e interesses colonialistas lá atrás e imperialistas aqui deram início a um processo de desumanização iniciado no diálogo de Cajamarca e que culminou numa forma de zoomorfização ainda não resolvida.

O diálogo de Cajamarca é um evento síntese que contribui para explicar a relação de exploração do homem pelo homem na América Latina e serve como esteio para ancorar a explicação de como se dão os processos de hibridismo cultural nesta parte do mundo. Nesse diálogo, o chefe Inca Atahualpa recusa um texto escrito que poderia ser a Bíblia ou o Catecismo Católico oferecido pelo padre espanhol Vicente Valverde que aqui representava a casa real espanhola. Esse encontro suscita imagens e visões de mundo peculiares que, para Polar, são ícones do "ponto no qual a oralidade e a escrita não somente marcam suas diferenças extremas, mas ainda tornam evidentes sua mútua alienação e sua recíproca e agressiva repulsão" (POLAR, 2000, p. 220). Essa mesma situação aparece adensada na pesquisa de Leandro, sobretudo, na parte em que ele explica a vertente indianista da literatura amazônica.

O processo de zoomorfização torna-se incontestе, quando Leandro (2014, p. 84) expõe, a propósito da leitura de uma obra de Raimundo Morais, que "o narrador mantém a distinção entre o tratamento dispensado à primeira classe e aos brabos no [navio] Rio Afuá e em outros gaiolas. [...]. Com o recebimento de reses a terceira classe transforma-se em verdadeiro 'chiqueiro humano insuportável'". Não se pretende com isso afirmar que há um processo de hibridismo entre seres racionais e irracionais, mas o processo de desumanização a que os

indivíduos são submetidos os tange na direção de um estado em que, pela perda da identidade e demais referenciais humanos abre caminho para que possam assimilar qualquer cultura, para que, enfim, o processo de hibridação cultural possa se dar de maneira mais plena. O processo em causa aparece não como um projeto humano, mas como uma travessia que responde positivamente às teses do naturalismo. Esse processo em Ferreira de Castro é adensado a tal ponto que não se dá uma convivência entre homens e gado, mas uma transformação dos homens em gado, quando Castro, perplexo diante do cenário, denominou de curral o gaiola que transportava os trabalhadores.

A convivência entre memória e história forma um elo, cuja completude, na concepção de Leandro evoca o sentido pleno do hibridismo cultural, haja visto que ele acolhe, em sua pesquisa, a concepção de que a memória recupera o passado e o atualiza, transformando-o em elemento eternamente presente, enquanto a história se pauta pela representação do passado. Para ele, os narradores ficcionais transcendem os limites de uma mera representação do passado; não se prendem à história como forma de explicação do mundo. Esses narradores dão preferência à memória, sendo esta, portanto, e não a história, sua fonte de inspiração. Mas a memória não transparece como uma matéria-prima na literatura, visto que os narradores a utilizam com plasticidade, transformando-a em evento estético.

A noção de que Leandro privilegiou a cultura amazônica, em suas formar híbridas, a partir de sua vertente literária, já está definitivamente demonstrada. Mesmo assim, para que não fiquem dúvidas a respeito dessa afirmação, convém estabelecer que a cultura em causa apresenta seus significados como cultura híbrida, de modo mais contundente, quando Leandro (2014, p. 72) afirma que "Raimundo Morais não tem a pretensão de retomar Alencar, mas o faz inconscientemente, na forma de domesticação indígena. Em algum nível de análise, o valor lendário de Ressuscitados compromete sua prosa com a de Alencar". Em ambos, o índio aparece domesticado, a diferença entre Alencar e Raimundo Morais está no fato de que Alencar exagera no desenho do índio, pois imbuído da tarefa de produzir uma literatura empenhada (Candido), domestica o índio a tal ponto que o transforma num europeu. Na altura do século XX em que Raimundo Morais produziu Ressuscitados não havia mais lugar para uma literatura empenhada, pois o Brasil já havia consolidado sua independência. Mesmo assim, o índio de Morais reflete o indianismo à moda alencariana, conforme se conclui pela leitura da pesquisa de Leandro. Essa concepção do pesquisador em causa funda-se na circunstância de que em Alencar ocorre um processo de europeização com uma ou a partir de uma mestiçagem com características bastante diluídas. Aqui (no ciclo da borracha) o hibridismo é mais patente, pois as características culturais (antropológicas) dos entes permanecem nítidas.

Em certo contexto histórico-social da América do Sul, particularmente no Peru de Arquedas, Vargas Llosa etc., o indianismo alencariano reaparece no século XX não mais como ufanismo, mas revisitado de um modo ideológico, por meio de uma vertente literária denominada de indigenismo. Percebe-se a partir daí que a literatura estabelece um diálogo com o momento dando às ênfases históricas de cada época uma resposta que o contexto pede. Ocorre, portanto, um processo de hibridação permanente entre a história, a memória e a ficção e é esse processo que determina as novas formas de apresentação do texto literário, as novas vertentes literárias; é isso que torna a literatura um devir, vem daí sua atualização na forma de distintos nomes como Barroco, Arcadismo, Romantismo etc.

A pesquisa de Leandro concluiu que a ficção, em sua vertente memorialista, dá sentido àquela parte da história que a historiografia não conseguiu conectar ou analisar de modo coerente, porque a memória concede os conectores que a fria letra historiográfica ignora. Leandro chega a essa conclusão porque as narrativas ficcionais proporcionam aos textos historiográficos os princípios que fundamentam a junção dos acontecimentos particulares num bloco com sentido. Muitos estudiosos da interação entre memória ficcional e história, entre eles White, tentaram explicar essa conexão entre esses dois aspectos do conhecimento humano, mas o fizeram de maneira caótica. White, por exemplo, reduz a historiografia a uma atividade poética, quando entende que as situações históricas têm sua apresentação condicionada à "sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção" (WHITE, 1994, p. 102). Em que pese o grau de importância dos estudos de White, não se pode admitir que a historiografia seja uma atividade poética. Leandro resolveu a querela quando suplantou a concepção de que a ficção se reduz, a mera coadjuvante num processo de explicação



fonte: greenkampong.com/wp-content/uploads/2009/11/Curumim-Da__gua.jpg

do mundo que tem a historiografia como centro. Para ele, ambas são duas coisas distintas que, no entanto, se conexionam.

Sua pesquisa deixa claro que a ficção não pode ser uma mera coadjuvante da historiografia, haja vista que, em sua concepção, a literatura é criadora de realidade e não apenas recriadora. Afinal, sua tese demonstra, implicitamente, que a ficção não traz à tona o que é anterior à história, mas o que se esconde dentro da história. Seria recriação se o elemento posto sob o lume do escritor fosse o fato que, estando atrás da história, pudesse produzi-la. É criação porque o que se encontra no âmago da história é uma nova realidade cujo centro é o homem; mas essa realidade que é apanágio da literatura transcende a realidade empírica, porque é uma soma de realidades. É, enfim, um contexto que se interage e no limite aparece como forma híbrida.

O encontro de uma realidade que formalmente se apresenta como literária, mas que carreia elementos historiográficos e econômicos, por representar poeticamente os efeitos do ciclo da borracha sobre a consciência dos homens é que possibilitou a Leandro a condição de afirmar que existe um ciclo literário da borracha representado pela soma das produções escritas na Amazônia, desde a brasileira até a andina. Enfim, o pesquisador demonstra que existe um ciclo ficcional da borracha e não apenas uma literatura da borracha. A existência de um ciclo só se faz pela soma dos diversos produtos, cada um deles angariando aquela dimensão cultural que moveu a sensibilidade de seu criador. Todo ciclo é, portanto, uma forma híbrida.

Em um de seus pontos altos, a pesquisa de

Leandro expõe, à página 60, que a protomemória da borracha — aquele momento representado por Euclides da Cunha e Alberto Rangel — contribui para a "construção do nacionalismo pela via amazônica. O Brasil amazônico começa a se descobrir para valer a partir do que o ciclo da borracha dá a ver sobre a Amazônica [...]. São essas frestas que descortinam as agruras ambientais, sociais e históricas daquela metade do Brasil". De fato, nesse cenário, história e ficção se complementam. Esta preenche os espaços deixados em branco pela historiografia, ou joga entre a obscuridade e a clareza da letra historiográfica de tal maneira que é o leitor quem preenche os vazios. Nesse contexto, a palavra "frestas" assume condição polissêmica, porque as frestas são espaços vazios que podem ser preenchidos ou que permitem ao observador olhar através delas para ver o outro lado. De fato, a memória ficcional possibilita o preenchimento dos vazios deixados pela história, ao mesmo tempo em que permite uma leitura crítica dessa mesma história, na medida em que os fatos que aparecem na historiografia como eventos despidos de humanidade migram para a ficção como sentimento e emoção e, dessa forma, dão substância ao ato de viver. Retomando o vocábulo frestas e sua carga semântica aplicada à literatura, não se pode ignorar que a arte literária apresenta porosidades imanentes que funcionam como aqueles pontos fracos, ou aquele caráter de esgotamento que dá abertura a outras culturas. Abertura, enfim, à formação de uma entidade cultural híbrida.

Na concepção de Leandro, os escritos de Euclides da Cunha são cruciais para uma reviravolta do olhar sobre o Brasil, na medida em que ele inaugurou uma prosa que busca interpretar o país em linguagem literária. A interpretação da Amazônia deixa de ter finalidade em si mesma e se torna ponto de intersecção das contradições que pairam sobre o país. Isto é, interpreta-se o país por meio da Amazônia. Uma literatura que tinha, portanto, na interpretação do Brasil seu escopo fundante. O resultado dessa interpretação é uma visão de contrastes; dessa forma, o mundo como prefigurado por Euclides da Cunha era um contexto em fase de preparação. Isto é, seja como eldorado, seja como espaço inóspito apresentava elementos culturais que se ajuntaram para a formação de outra cultura que, no limite, guarda os traços das culturas em contato, apesar de Euclides ter vivido sempre na defesa da hegemonia da cultura do litoral, por acreditar que ali estava o cerne da civilização, segundo os cânones positivistas.

Mas fica sem efeito a tentativa de forçar uma cultura em direção a outra para que ocorra um integração entre ambas, pois a junção entre culturas e a forma híbrida resultante ocorre de maneira natural sem que seja necessária a participação de historiadores ou escritores. Os contrastes existem e subsistem num certo momento, mas em seguida se fundem transcendendo sua condição de realidades contrastantes; isto é, a as distintas realidades estão permanente em devir na direção da formação de uma cultura e não mais de várias culturas. Esse caráter interpretativo da literatura perpassa esse período como um ponto de intersecção entre Márcio Sousa, Euclides da Cunha, Arguedas, Cortázar e inúmeros outros intelectuais e escritores que tomaram para si a tarefa de interpretar a América. É um traço da literatura latino-americana. A interpretação é feita por meio da borracha (seringueiro), do sertanejo, das populações incaicas e da própria modernidade.

Leandro (2014, p. 54) é de opinião de que "a brutalidade ensandecida por um promissor pedaço de terra [...] não aparecerá mais nas narrativas ficcionais amazônicas, com esse mar de sangue e essa tentativa epopeica"; isso tem sua causa no fato de que o elemento humano que é essencial para a existência do objeto literário aparece na literatura amazônica de maneira adensada por meio de expressões que revelam um homem dilacerado. Não se trata mais de uma sequência de fatos historiográficos, mas de um ajuntamento de homens com seus desejos, sentimentos e dores movendo a pena dos escritores. Trata-se, portanto, de literatura.

Isso leva à consideração de que a entrada das letras amazônicas no circuito nacional tem no ciclo da borracha seu vetor, porque esse ciclo despiu o homem de sua roupagem em busca de um eldorado e o vestiu com os andrajos da miséria pintada de interesse econômico de um lado e pobreza material de outro, gerando um tipo de antagonismo que só a literatura pode explicar, como atesta Jameson, quando afirma que a literatura é a narração de "uma única trama vasta e incompleta" que se traduz pela "história da luta de classes: homens livres contra escravos, patrício contra plebeu, senhor contra servo [...] — em suma, opressor contra oprimido — em constante oposição" (JAMESON, 1982, p. 18).

Quando Leandro aqui e ali deixa entrever a seringueira como ser vivo que determina a ação dramática no ciclo literário da borracha, faz lembrar os rochedos, em Medeia, que aparecem como figuras de que depende a tragédia. Há, portanto, um ente cultural da antiguidade clássica que,

transcendendo os séculos, penetra no âmago da literatura amazônica como forma para dar sentido a uma visão de mundo particular.

Quando estuda a obra de Dalcídio Jurandir, que "possui alta afinidade com o neorrealismo do romance de 1930" (LEANDRO, 2014, p. 93), Leandro faz referência à decadência do mundo amazônico provocada pelo transplante da seringueira na Ásia com a ajuda dos próprios habitantes locais, o que o leva a constatar que "a plantação de seringueiras no sudeste asiático manifesta a ingenuidade do personagem em relação aos mecanismos da globalização" (LEANDRO, 2014, p. 93). Isso provoca o desaparecimento de cidades, como ocorrera na Canudos de Euclides da Cunha, o que permite que se dê um sentido novo ao conceito de romantismo da aventura capitalista, que aparece em sua tese, visto que, na pesquisa de Leandro, as cidades aparecem metaforicamente fulminadas pelo romantismo da aventura capitalista, mas que nem por isso deixa de dialogar com a tragédia grega, sobretudo com Eurípides. Esse diálogo entre os séculos produz a forma mais enfática de hibridismo, porque remete à memória como instrumento de preservação da cultura.

Há, portanto, um diálogo representado diacronicamente pela recuperação do passado e um diálogo entre elementos da própria modernidade histórica, que não passou ao largo do pensamento de Leandro, quando ele assevera que a prosa de Dalcídio "não se distancia da política literária soviética" (LEANDRO, 2014, p. 105). Isso indica que o hibridismo cultural ocorre de forma vertical e horizontal.

Ao mesmo tempo em que diferentes povos adicionavam temperos novos às formas de vida local, essa vida em devir cultural atípico fazia mover a pena de autores de diversas regiões, como do português "Ferreira de Castro, do venezuelano Rômulo Gallegos e do colombiano Eustásio Rivera" (LEANDRO, 2014, p. 9) e Vargas Llosa. Nomes citados na tese do pesquisador em tela para explicar a existência de um mosaico que se mostra como uma só entidade híbrida na forma de uma cultura genericamente denominada de cultura amazônica.

Isso indica que não é por acaso que este ensaio faz referência ao hibridismo cultural, quando enfatiza a pesquisa de Leandro. Afinal quando ele assevera a existência de um ciclo literário constituído por uma literatura mestiça que aparece na região amazônica movendo-se pelo aporte de nomes que representam culturas díspares, como a cultura local e aquela que veio pelas mãos dos migrantes nordestinos, o tema do hibridismo, que de início aparece em sua transversalidade, ocupa a centralidade da pesquisa. O elemento de sociologia e história que prevalece na literatura amazônica nesse período é uma herança ou um tributo a Euclides da Cunha, somado aos naturalistas que por lá estiveram e lá escreveram antes dele.

O indivíduo realiza-se como pessoa na medida em que se vê representado na massa que, por sua vez, sofre mutações constantes, devido sua maleabilidade. A massa muda sua conformação pelo acrescentamento de novos indivíduos. Estabelecendo a massa como parâmetro para o estudo da mestiçagem cultural, conclui-se que o hibridismo é o fenômeno mais produtivo no interior de dada formação. É ele que transforma a cultura em um devir, afinal, a cultura se movimenta, adquire novos matizes que vão produzindo tons que tendem a permanecer, a modificar-se e a desaparecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atravessamento cultural amazônico começa no deslumbramento, passa pelo nativismo e tem seu ponto culminante na visão do elemento humano que, deslocado de outras regiões e países, para lá acrescentou novas cores, novas músicas, contos, cantos e sabores ao elemento nativo. O hibridismo, portanto, que somente existia no contato entre as populações ameríndias e era, de certa maneira, estático se torna, com esse último movimento, a dinâmica cultural mais enfática, como Leandro (2014, p. 13) afiança, quando afirma que o "ciclo da borracha semeia um novo interesse pelo Norte, seja por suas marcas de modernização, de ruínas, de conflitos, de dramas humanos, seja pela ampliação do sentido de nacionalidade brasileira a partir desse olhar amazônico". Estão claras nessa assertiva as razões que elevaram o interesse pelo norte, que atraiu pessoas de formações culturais díspares, provocando, no meio das misturas que essas formações produziram, uma nova identidade, esta também modificada a todo momento. O que causa estranhamento é a despreocupação da universidade em face de semelhante fenômeno que por si só constitui um caso particular de hibridação cultural, ao mesmo tempo que se constitui laboratório para a análise de como a mestiçagem age sobre as formações culturais novas.

Certamente, quando Leandro, tomando conhecimento dessa nova dinâmica cultural, viu nela algo digno de figurar em sua pesquisa de doutorado acrescentou o sentido que este artigo pretende dar à questão do hibridismo cultural e sua relação com a universidade. Isto é, por um lado, a universidade

contribui para o entendimento do fenômeno em causa, porque possibilita a existência de pesquisas como a de Rafael V. Leandro que serviu de corpus para a explicação supra; por outro lado, a internacionalização do saber vem promovendo o intercâmbio de estudantes entre o Brasil e outros países, o que também produz novos movimentos no interior da cultura, na medida em que os que vão e os que vêm levam ou trazem novos vetores culturais que são adicionados à cultura de origem.

Na pesquisa de Leandro, o hibridismo surge como o aspecto transversal mais frequente. Essa persistência aparece já no próprio título do trabalho: "Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia". Um memorial literário se forma pela soma dos vários produtos oriundos daquele espaço cultural. Cada produto é resultado não apenas de um ponto de vista particular, como também da sensibilidade que o mundo dado desperta no autor. O resultado dessa mistura de olhares é o que denomino de hibridismo. Sendo assim, todo ciclo literário culmina por ser um produto híbrido.

Os ciclos em geral e o ciclo literário da borracha em particular representam a junção de tendências que respondem a configurações culturais específicas. O ciclo deu um nó, atando essas formações no mesmo bloco com um sentido particular. As formações são díspares e representam individualmente o nativismo, a belle époque e os deslocamentos humanos pela chegada dos imigrantes. O contato entre essas formações ao mesmo tempo em que reproduziu as identidades, as produziu na medida em que se deram trocas culturais. O ciclo é, dessa forma, um conteúdo mestiço no universo da cultura, constituindo-se a partir da soma de obras literárias.

Leandro tomou para si a tarefa de suprir a demanda aberta pela inexistência de estudos que enfocam a literatura e a cultura amazônicas em seu conjunto, quando sua tese de doutorado apontou a literatura amazônica na perspectiva da soma de seus produtos e possibilitou que autores e obras pudessem dialogar de modo a ligar entre si as tramas de vários fenômenos culturais que, por sua vez, reuniu num só contexto, num só universo mestiço a que deu o nome de ciclos ficcionais da borracha.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, João Batista. Hibridismo cultural na América Latina. Itinerários. Araraquara, v. 1, n. 27, p. 79-90, jul./dez. 2008.

HUTCHEON, Linda. Narcissistic narrative: the metafictional paradox. London/New York: Methuen, 1984.

JAMESON, Frederic. O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico. Trad. de Valter Lelles Siqueira. São Paulo: Ática, 1982.

LEANDRO, Rafael Voigt. Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônica. Brasília, 2014. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília.

POLAR, Antonio Cornejo. O condor voa: literatura e cultura latino-americanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.

A LEITURA NO BRASIL. Alguns pontos para reflexão

Prof. Dr. Gilberto de Castro[1]

fonte: www.sxc.hu



Nos últimos anos o Brasil tem assistido a um desenvolvimento considerável dos apelos pela presença do livro e pelo desenvolvimento da leitura. Governos, entidades e instituições variadas, escolas, intelectuais, escritores, editoras, livrarias tem se unido no propósito de colocar o livro como o centro das nossas preocupações com a leitura.

Não há sombra de dúvida que eventos como feiras, semanas literárias, encontros e debates com autores, rodas de leituras, etc., são extremamente necessários e efetivos, uma vez que se queremos promover a leitura, certamente o primeiro passo a ser dado é trabalharmos para que o livro, esse objeto de cultura e lazer, chegue ao alcance das pessoas, de todos os tipos de leitores, em todos os lugares do país, e de preferência com preços acessíveis. Afinal, entre os aspectos negativos que marcam a história brasileira com a leitura, é justamente a não presença do livro como elemento central da formação escolar e intelectual do povo brasileiro o mais marcante deles. Primeiro pelas razões históricas bem conhecidas, do quanto demoramos a desenvolver autonomia na produção de livros dentro do país. Em que pese o fato de hoje o Brasil possuir um número significativo de editoras, públicas e privadas, com uma produção expressiva e de qualidade, que abrange literatura brasileira e estrangeira, passando por inúmeros outros gêneros editoriais, isso não muda o fato das consequências negativas advindas da nossa recenticidade nesse campo.

Mas como livro sem leitor não conta, pois livros sem leitores são como falantes

[1] Gilberto de Castro é Doutor em Linguística pela USP, professor de Metodologia e Prática de Ensino de Língua Portuguesa e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Dirige a Editora UFPR desde 2009 e é Diretor de Eventos da ABEU.

sem plateia, talvez muito mais grave que a nossa história curta na produção livresca seja o nosso déficit educacional. Uma visada geral sobre a história da nossa educação é suficiente para mostrar que nunca tivemos as condições políticas e econômicas necessárias para um desenvovilmento regular e competente da escola brasileira, o ambiente privilegiado para produção de leitores efetivos e em quantidade. Por conta disso, acho que deveríamos trocar, a expressão "hábito de leitura", tão acriticamente e comumente repetida em jornais, revistas e tv, por intelectuais, escritores, jornalistas e até, infelizmente, por educadores, por "prática de leitura". Enquanto a primeira expressão remete a algo meio mecânico e abstrato – a repetição pela repetição, algo que se faz até sem se saber por que! – a segunda tem a vantagem de colocar a leitura no centro de um conjunto de experiências históricas, culturais, educacionais e familiares muito mais complexo.

No caso do Brasil, o fato é que como decorrência do enorme déficit educacional, ou seja, da nossa tardia universalização educacional - que infelizmente até hoje ainda foi incapaz de universalizar as últimas séries do Ciclo Básico -, demoramos muito para oportunizar à população, a experiência significativa com o mundo letrado através dos livros. Em suma, na história brasileira, precisamos admitir que prevaleceu mais a não presença do livro do que a sua presença. E isso é facilmente comprovável no presente pelos pífios resultados avaliativos brasileiros e internacionais no que se refere à capacidade e condições de leitura de nossa população escolar. Resultados da Provinha Brasil, do Saeb, do Enem e do Pisa, estão aí para nos mostrarem o quanto estamos distante de uma educação para a leitura de qualidade, entre outros tantos problemas que nossa educação apresenta em relação a outras disciplinas. Quando olhamos os dados de formação educacional das familias da maioria dos estudantes brasileiros, podemos dimensionar a gravidade do problema.

"Quando olhamos os dados de formação educacional das familias da maioria dos estudantes brasileiros, podemos dimensionar a gravidade do problema."

É o que parece estar claro na última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011), onde nos deparamos com os tristes dados sobre o nível de escolaridade materna e paterna brasileira. A pesquisa vai mostrar que o resultado da somatória da parte de pais e mães analfabetos, dos que concluíram até a 4a. Série do ensino fundamental e daqueles que concluíram da 5a. a 8a. Série do ensino fundamental, beira o patamar de quase 70% da população (67% para as mães e 66% para os pais, para ser mais preciso). Em relação ao ensino médio, os índices também não são nada animadores: 20% de conclusão para as mães, contra apenas 21% para os pais; no tocante ao ensino superior, a situação beira o risível: 6 e 4% respectivamente. E aqui não devemos esquecer a informação, também registrada pela mesma pesquisa de que, depois da escola, o espaço provilegiado de incentivo à leitura é a casa do estudante, sendo a mãe a principal estimuladora da leitura, ficando o pai com a terceira posição no cumprimento desse papel. A conta aqui parece simples: quanto menor for a escolarização dos pais, menor será também a possibilidade existente de desenvolvimento do gosto e do estímulo à leitura. E é sempre bom lembrar que não faremos nenhuma revolução com as eventuais e honrosas exceções!

Evidentemente que pessoas com tão pouco letramento - que pelo contexto histórico de distribuição de renda no país, muito provavelmente também tiveram dificuldades econônimas e materiais para a aquisição de bens culturais em geral - ficaram colocadas sob margens distantes do livro e, por consequência, de tudo aquilo que ele poderia proporcionar em termos de conhecimento e cultura. Assim, não pode e nem poderia haver o desenvolvimento de hábito, ou melhor dizendo, de uma prática social significativa com a leitura, onde efetivamente não existe a predisposição para o livro e onde, principalmente, ele mesmo não exite. E, gostemos ou não, o fato é que o livro praticamente não existiu em grande parte da experiência da maior parte da população brasileira, durante um bom tempo, ainda durante o século passado. Por isso, é sempre bom termos cautela nas nossas comparações de índices de leitura com outros países, sobretudo os europeus, pois enquanto nós entramos no século XX praticamente analfabetos, muitos deles já podiam produzir livros em quantidade porque tinham grande parte de sua população fora dos limites do analfabetismo.

Outro dado importante sobre a nossa história de leitura, envolve a relação da democratização da educação, de que já falei, com a nossa história particular com a mídia televisiva. Durante os anos 70, promovido pelo governo militar, o país teve um de seus maiores movimentos de expansão e universalização da escola brasileira, ampliando consideravelmente o número de vagas escolares das primeiras 8

séries iniciais da escola brasileira. Concomitante a esse momento tardio e mais do que necessário - independentemente da avaliação ideológica que possamos fazer sobre os sujeitos da sua realização -, tivemos a explosão de massificação da televisão, cuja expansão de presença nos lares brasileiros, em grande parte foi alavancada pela Copa do Mundo de 70, evento que foi transmitido ao vivo e a cores para o país. Como bem observou o poeta Paulo Paes, ao analissar a relação brasileira com a literatura de entretenimento, " Se a televisão conseguiu em tempo relativamente breve o que a indústria do livro não conseguiu até hoje, foi talvez devido à ciscunstância de ter chegado cedo a um país onde o livro chegou tarde (...) Antes que houvesse tempo de a nossa tardia indústria do livro implantar no grande público o gosto e o hábito da leitura, veio a televisão roubar-lhe a maior fatia do bolo." (pg.36)

Essa conjunção de fatores, esse encontro da novidade tecnológica com o nosso atraso de letramento, fez com que o Brasil (assim como outros países Latino Americanos e em desenvolvimento) tivesse que enfrentar desafios metodológicos específicos. Esses desafios, infelizmente, até hoje não foram bem enfrentados, considerando que as midias de imagem em geral - e a TV em particular - continuam sendo demonizadas por muitos daqueles que pretendem discutir leitura e a presença do livro no Brasil. Há quase que uma unanimidade nacional, e uma inocência teórica abominável, em responsabilizar a TV pelo assalto que ela eventualmente faria às experiências mais nobres da leitura. Mas o fato indesviável é que hoje, além da TV, com o advento das novas tecnologias digitais, a sociedade, pais e professores, temos todos que lidar com essa miríade simbólica provocada pela cada vez maior associação da imagem à palavra falada e ao texto escrito. Em tempos de tantas outras mídias, não há como desviar do desafio de aprendermos a desenvolver métodos de leitura cada vez mais eficazes que deixem de considerar o livro como metonímia da leitura, uma vez que o homem contemporâneo é cada vez mais multi afetado simbolicamente; ao mesmo tempo, o desafio também está em saber localizar melhor o livro nesse contexto contemporâneo, distinguindo-o como mídia específica, responsável ao longo da história humana por importantes experiências cognitivas e intelectuais.

Um outro aspecto igualmente importante para nossa reflexão, sobre o qual ainda infelizmente rareiam as discussões, diz respeito à formação das professoras e professores das séries iniciais no Brasil e a sua relação com o ensino de linguagem e de leitura. Além de ainda haverem muitos professores leigos espalhados pelos rincões afora de nosso país, a grande maioria dos professores das nossas séries iniciais vem dos cursos de Pedagogia. São às alunas e aos alunos egressos desse curso que se delegam a responsabilidade pelo ensino da alfabetização e dos primeiros contatos das nossas crianças com a linguagem escrita, a leitura e o texto. Todavia, e ironicamente, salvo as raras excessões no contexto brasileiro, a formação do pedagogo em geral não está centrada sobre o eixo formativo da linguagem e da leitura. Essas discussões, no contexto brasileiro, estão concentradas, na sua grande maiorira, nos cursos de letras, cujos profissionais raramente entram nas salas de aula do início da vida escolar de nossas crianças.

Assim, mesmo levando em conta a dedicação e a competência de muitos de nossos educadores iniciais, temos que considerar o fato de que o melhor dos avanços produzidos nos debates sobre a linguagem e a sua relação com os sujeitos e a sua educação ao longo do século XX pelas ciências da Linguagem, raramente tem chegado aos nossos alunos nas ações didáticas no início da escola básica brasileira. Discussões sobre a relação entre linguagem e sociedade, variação linguística e os embates ideológicos entre os dialetos sociais e regionais, a relatividade das exigências normativas nos usos orais e escritos da língua materna, a relação de exigência normativa entre o uso da linguagem e seus contextos sociais, as ações e reações dos interlocutores nos encontros sócio-verbais, as características metafóricas das línguas humanas são todos temas de reflexão importantíssimos para a formação de qualquer professor de linguagem, sobretudo daqueles das primeiras séries que serão os responsáveis por estimular as bases fundamentais do aprendizado da escrita e da leitura para nossas crianças.

Enfim, o tema da leitura é muito complexo e tem sido enfrentado no Brasil com qualidade a partir de diferentes angulos, sobretudo nas últimas duas décadas. Porém, em grande parte dos debates por vezes ainda sobressai a figura de um sujeito/leitor ideal, raramente encontrado de forma concreta na nossa sociedade. Do meu ponto de vista, e foi um pouco isso que quis desenvolver aqui, o desafio maior da nossa polêmica em torno da leitura está em compreende-la de uma forma multidisciplinar que, entre outras coisas, seja capaz de inserir no debate um sujeito/leitor real, num país real que não dissocia a história da sociedade brasileira, e de seus sujeitos, de seu sub desenvolvimento científico e educacional. Creio que esse seja um caminho para refazermos nossas valiações sobre a tão propagada falta de empenho de nossos leitores e para compreendermos melhor as raízes da pobreza de nossos índices.

MIDIATIZAÇÃO DA SOCIEDADE. Uma primeira opinião[1]

Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes, S. J.[2]

A midiatização tornou-se cada vez mais um conceito chave, fundamental, essencial para descrever o presente e a história dos meios e a mudança comunicativa que está ocorrendo. Desse modo, se se tornaram parte do todo, não se pode vê-los como uma esfera separada. Nessa perspectiva, a midiatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural.

Entretanto, embora vários pesquisadores utilizem o conceito de midiatização, cada um lhe confere o significado que mais lhe agrada. Desse modo, o conceito de midiatização é enunciado com múltiplas vozes.

O presente texto procura discutir essa multiplicidade e apresentar uma posição preliminar sobre o assunto.

A sociedade se constitui por meio da comunicação. O conteúdo da comunicação é a expressão da vida dessa sociedade: passado, presente, futuro, histórias, sonhos etc. O resultado é o compartilhamento de vivências entre as pessoas de todas as gerações. O processo comunicacional possibilita os avanços da sociedade, ora observados em níveis cada vez mais complexos.

O processo comunicacional é um dos exemplos acabados do chamado pensamento sistêmico. Entende-se por pensamento sistêmico uma nova forma de abordagem que compreende o desenvolvimento humano sobre a perspectiva da complexidade. Para percebê-lo, a abordagem sistêmica lança seu olhar não somente para o indivíduo isoladamente, mas também considera seu contexto e as relações aí estabelecidas. Isso não significa um abandono ou desprezo pelo micro, que aparece fenomenologicamente no cotidiano. As duas visões se completam na contemplação da realidade. A visão sistêmica não pode ser marcada por nossa crítica do momento presente ou por nossas expectativas e desejos para o futuro, reduzindo a acuidade visual do perceber o que efetivamente está acontecendo ao âmbito do cotidiano. Esses dois estribos, muito embora comportem riscos, exigem articulação e tensionamentos para assegurar a superações de tais riscos. A interação entre as

[1] Este artigo constitui-se em uma síntese do que foi publicado em Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones. Antônio Fausto Neto ... [et.al.]. Rosario: UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015. (e-book)

[2] PEDRO GILBERTO GOMES, sacerdote jesuíta, é bacharel em Teologia pela Faculdade Cristo Rei (atual Unisinos), licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e especialista em Teologia pela PUC do Chile. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP. Foi Vice-Reitor e atualmente é Pró-Reitor Acadêmico da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, instituição da qual também é professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Diretor da Editora Unisinos

duas visadas tem se mostrado produtiva. Braga[3] diz que Lucien Goldmann (Bucareste 1913;Paris,1970) propõe isso como método sistemático. Na medida em que os autores que preferem uma ou outra abordagem desenvolvam uma agonística entre suas perspectivas, acredita Braga que a área de comunicação pode gerar um conhecimento significativo e bastante resistente à falibilidade[4].

Pensar sistemicamente exige uma nova forma de olhar o mundo, o homem, e, consequentemente, exige também uma mudança de postura por parte do cientista, que lhe propicie ampliar o foco e entender que o indivíduo não é o único responsável por ser portador de um sintoma, mas sim que existem relações que mantêm este sintoma.

Um mapa sistêmico é uma expressão gráfica dos inter-relacionamentos entre os diversos elementos em jogo nos processos sociais. O mapa sistêmico que se vai aqui desenhar e analisar procura mostrar a sociedade na sua dinâmica de comunicação, evidenciando a relação entre o contado e o resultado; mais: verificando a assertiva inicial de que o processo comunicacional envolve, no todo, um processo de pensamento sistêmico.

O relacionamento da mídia com os processos de significação e com os processos socioculturais expressa a realidade e se dá no âmbito do que se denomina "marco dos processos midiáticos". Esses dois movimentos, além disso, interagem para a construção do sentido social, levado a cabo por indivíduos e sociedades.

A mídia são os meios eletrônicos que desempenham o papel de dispositivos enunciadores da informação. Nela se percebe um processo de significação, que contempla a construção do discurso nas suas diversas configurações – tanto construções verbais como não verbais (por imagens, gestos e ações). No marco das possibilidades comunicativas, a mídia escolhe determinados conceitos, imagens e gestos com os quais elabora um processo enunciativo que permite a comunicação com e para a sociedade. No mesmo movimento, a mídia desenvolve uma dinâmica de processos socioculturais. A importância dessa dinâmica reside no fato de que qualquer processo significativo incide diretamente nas relações sociais. Essas, por sua vez, condicionam, determinam e influenciam tanto os processos de significações como a mídia na sua atuação comunicativa. As relações, inter-relações, correlações, conexões e interconexões acontecem num movimento de dupla mão entre os três pólos dos processos midiáticos. Isto é, a mídia, os processos de significação, os processos socioculturais influenciam-se mutuamente gerando o fenômeno dos processos midiáticos.

A circulação de mensagens acontece de forma imediata entre o polo da emissão e o polo da recepção[5]. O mesmo processo acontece midiaticamente. A mídia se apropria de conteúdos e os trabalha por meio dos processos de significação e socioculturais. Esse movimento complexo acontece dentro dos contextos dos processos midiáticos.

A circulação também se estrutura em conexões e interconexões que se desenrolam no marco das relações que a sociedade engendra para que a comunicação aconteça com rapidez e eficácia. Os conteúdos transmitidos chegam à sociedade e seus resultados retornam para o processo de comunicação, via processos midiáticos, gerando, assim, um ambiente comunicacional mais amplo que influencia e é influenciado pelos seres humanos. No processo de comunicação, há circulação de conteúdos que, elaborados socialmente, produzem resultados práticos e simbólicos. Isso aparece nos distintos elementos em jogo no processo de comunicação: na sociedade, na comunicação, nos processos midiáticos. Existem relações diretas, imediatas, e relações indiretas, mediadas pela mídia nos seus processos de significações e sociais. Conforme aparece no mapa sistêmico abaixo:



Este mapa permite uma leitura sistêmica dos processos midiáticos em desenvolvimento hoje. O aumento do nível da comunicação resulta em uma maior estruturação da sociedade e, dessa forma,

[3] José Luiz Braga, professor do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Ele trabalha com o autor na Linha de Pesquisa: Midiatização e Processos Sociais.

[4] Em conversa com Braga, em agosto de 2014.

[5] Sobre a questão da circulação, ver, entre outros, os trabalhos de José Luiz BRAGA, principalmente: Circuitos versos campos sociais in MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder e JACKS, Nilda. Mediação & Midiatização. Salvador: EDUFBA e Brasília: Compós, 2012, p. 31- 52. Antônio FAUSTO NETO. Circulação além das bordas. In FAUSTO NETO, Antônio e VALDETTARO, Sandra (Orgs.). Midiatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina. Rosario, Argentina: Departamento de Ciências de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosário, 2010, p. 2-15.

incrementa o desenvolvimento humano assim como a qualidade do processo midiático, os quais colaboram para o aumento da rapidez e eficácia da comunicação, aumentando, da mesma forma, o nível de comunicação. São as relações R1 e R2 que expressam os processos de circulação, cuja complexidade vai dando origem a uma sociedade em midiatização. Didaticamente, pode-se afirmar que R1 inicia o processo e que R2 torna-se um ponto de chegada e de partida para que a circulação continue, num movimento onde não se pode mais identificar o seu início. O resultado é a constituição de um ambiente novo que possibilita um novo modo de ser no mundo, como se verá a seguir.

Com o advento da tecnologia digital, essas inter-relações se tornaram complexas e se ampliaram, criando uma nova ambiência. O processo humano de comunicação é potencializado, na sociedade contemporânea, pela sofisticação de seus meios eletrônicos. Desse modo, os inter-relacionamentos comunicacionais, bem como os processos midiáticos, ocorrem no cadinho cultural da midiatização. A realidade da sociedade em midiatização supera e engloba as dinâmicas particulares que esta engendra para se comunicar. O meio social é modificado. A tela de fundo, o marco dentro dos quais interagem as dinâmicas sociais, é gerada pela assunção da realidade digital. A virtualidade digital traz como consequência a estruturação

fonte: marcocivil.com/wp-content/uploads/2015/03/monitor.jpg



de um novo modo de ser no mundo. A sociedade em midiatização constitui, nessa perspectiva, o cadinho cultural onde os diversos processos sociais acontecem. Ela é uma ambiência, um novo modo de ser no mundo que, como dissemos, caracteriza a sociedade atual. As inter-relações recebem uma carga semântica que as colocam numa dimensão radicalmente nova, qualitativamente distinta em relação ao modo de ser na sociedade até então. Comunicação e sociedade, imbricadas na produção de sentido, articulam-se nesse crisol de cultura que é resultado da emergência e do extremo desenvolvimento tecnológico. Mais do que um estágio na evolução, ele é um salto qualitativo que estabelece o totalmente novo na sociedade. O resultado desse movimento cria um ambiente (que chamamos de sociedade em midiatização) que configura para as pessoas um novo modo de ser no mundo, pelo qual os meios não mais são utilizados como instrumentos possibilitadores das relações pessoais, mas fazem parte da autocompreensão social e individual. A identidade é construída a partir da interação com os meios. A pessoa não é um "eu" que usa instrumentos como extensão de seu corpo, mas um indivíduo que se autocompreende como um ser que preza as suas relações e conexões por meio dos instrumentos tecnológicos de comunicação.

A sociedade em processo de midiatização é maior, mais abrangente, que a dinâmica da comunicação até agora levada a cabo na chamada sociedade dos meios. Não é somente a comunicação que é potencializada, isto é, não são apenas as possibilidades de comunicação, por meios tecnológicos extremamente sofisticados, que caracterizam o contexto atual; mas a sofisticação tecnológica, amplamente utilizada pelas pessoas desde a mais tenra idade, cria um novo ambiente matriz que acaba por determinar o modo de ser, pensar e agir em sociedade. A esse ambiente matriz designamos como sociedade em midiatização.

A midiatização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em midiatização...O ser humano é em midiatização... Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo. Esse é o substrato cultural no qual se movem os diversos grupos sociais no mundo. A sociedade erigida nesses movimentos é uma sociedade em processo de midiatização.

LAS INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN SUPERIOR.
El editor universitario aportes para redefinir su papel

Juan Felipe Córdoba Restrepo[1]

UNIVERSIDAD,CONTEXTO, PROBLEMÁTICAS COYUNTURALES

La Universidad como concepto y definición desde el momento mismo de su aparición como institución de educación superior, ha contribuido por medio de sus acciones y sus egresados al desarrollo y consolidación de los países en donde se encuentra incardinada. Desde sus orígenes la institución universitaria propende por formar profesionales y ciudadanos comprometidos con el desarrollo y bienestar de la sociedad. Pensar en las magnitudes de lo que significa el proyecto universitario significa entender su dinámica, su historia, sus desarrollos y la planeación a corto y mediano plazo frente a los retos que la coyuntura actual le plantea[2].

En todas las instituciones de educación superior los cambios son permanentes, la estructura dinámica de las universidades conduce a pensar y reflexionar la coyuntura en la que está inmersa para poder cumplir con los retos que las diferentes tendencias le imponen. Asuntos como mediciones, rankings, visibilidad, Open Access, entre otros asuntos, nos alejan de cosas esenciales, como nuevas pedagogías, nuevas formas de leer, argumentación y análisis, cómo construir ciencia, cómo beneficiar la sociedad.

NUEVOS ESPACIOS, NUEVOS ESCENARIOS

Las instituciones de educación superior deben reflexionar sobre la definición y funciones del editor universitario, de tal forma que constituya un agente académico más en el quehacer de la universidad; entre sus funciones debería estar promover la discusión, el debate y la comparación del contenido que edita. Pero, además, debe proponer caminos para que aquello que produce alcance lo pedagógico, llegue al aula de forma dinámica y eficiente. Los objetivos trazados en la mayoría son periféricos al espíritu mismo de las instituciones educativas —docencia, investigación, extensión—, es necesario, entonces, revisar las funciones y reformularlas a la luz de un proyecto universitario actual.

[1] Director Editorial Universidad del Rosario, Bogotá. Presidente de la Asociación de Editoriales Universitarias de Colombia, ASEUC, y de la Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y El Caribe, EULAC.

[2] Juan Felipe Córdoba Restrepo, “Un espacio abierto para la educación y la cultura”, En Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario. Un libro abierto para Colombia y para el mundo (Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013), 186-189

En la actualidad en varias universidades persiste un rechazo a asociarse entre dependencias para el desarrollo de proyectos en beneficio de la institución; esto no hace parte de las estrategias. Es adecuado e importante reflexionar sobre nuevos espacios y alianzas en beneficio de la educación superior. Por lo tanto, debe pensarse un desarrollar de actividades que exploren nuevos escenarios para contribuir a la interlocución permanente entre las diferentes áreas.

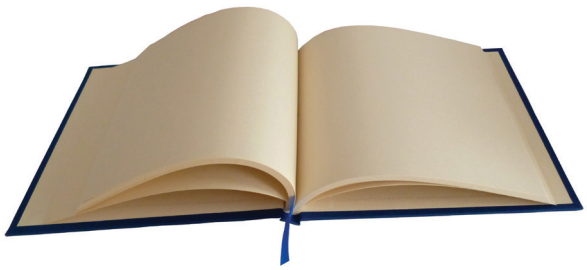
Un punto de partida

Es necesario tener como punto de partida lo que hoy entendemos como edición universitaria. En primer lugar, es el marco institucional universitario de la educación superior que desde hace varias décadas propende por la definición de cuáles son los contenidos que considera oportuno hacer visibles, y para hacerlo cuáles serían los procesos adecuados para garantizar los mejores estándares de calidad nacionales e internacionales. Además es indispensable reflexionar sobre el impacto que ese conocimiento puede tener tanto en la formación de estudiantes, como para la investigación que adelantan los diferentes miembros de las instituciones de educación superior[1].

La actual coyuntura por la que atraviesa la educación superior conduce a pensarla como un posible motor de desarrollo, bajo dos premisas: la producción de conocimiento y el impacto de la información que genera en la sociedad. Por medio de estos, incluso, pueden ser medidos los alcances de las instituciones de educación superior en un determinado grupo social.

A lo largo de las últimas décadas, la universidad se ha visto avocada a pensar diferentes cambios que le permitieran adecuarse a las nuevas exigencias. Sin embargo, estas, tal vez por lo inmediatistas, que buscan tan solo responder a la coyuntura y que no cuentan con un proyecto de largo aliento que las sustente, constituyen solo medidas transitorias que si pueden cumplir algún objetivo, están alejados de lo que una universidad debe garantizar a sus comunidades. En el caso particular de la edición universitaria, estos dilemas propician alternativas de contenidos, formatos y programas. Lo que produce la editorial universitaria es definido como la expresión de lo que es la universidad, lo que hace. Es tal vez el momento de arriesgarse a pensar la editorial como una dependencia académica que, además de la edición de contenidos, haga parte del debate académico, de la investigación, de la pedagogía.

Todo lo anterior obliga a pensar cómo puede la editorial universitaria hacer parte de la universidad, expresar lo que ella hace, pero al mismo tiempo debe contar con documentación y experiencias de diferentes latitudes ser capaz de estar afuera para contar con nuevos elementos que enriquezcan su oficio y su participación en el día de la institución universitarias, cómo corregir los posibles vacíos del oficio que le ha sido encomendado.



fonte: www.sxc.hu/

El ecosistema del discurso escrito, que constituye parte del acervo de un editor universitario, permite contar con información sobre géneros textuales, pero no sobre las formas de leer. Estas configuraciones son las que permitirían darle valor agregado al objeto libro que producen las editoriales universitarias, y lo que a su vez el editor podría capitalizar para contar con una interrelación más productiva con los demás actores de la institución de educación superior.

El libro universitario constituye en sí mismo un valioso instrumento para ser empleado por el editor, es mucho más que un objeto: sin abandonar lo que por naturaleza le compete —garantizar procesos de calidad en la edición de contenidos—, puede entregar valiosa información sobre uso y citación, para avanzar en el análisis de los lectores y de propiciar la creación de redes de conocimiento.

La producción de conocimiento conduce a que se piense en favorecer una labor conjunta en todo sentido, como un trabajo mancomunado que pase por los investigadores, los autores, los estudiantes, los lectores, pero, también, que involucre a las instituciones en cada país; lo anterior encaminado y visto como una posibilidad, por lo demás afortunada, para que salga a la luz la producción editorial de los académicos. Todo, con un amplio sentido de lo social, para dinamizar el conocimiento en beneficio de todos.

[1] Ver: Leandro de Sagastizábal y Ramiro Vega, "La editorial universitaria como emprendimiento". En La gestión económica en la editorial universitaria (Santa Fe: Ediciones Universidad Nacional del Litoral, 2014), 20 y Jorge Iván Franco Giraldo, "Dilemas globales en la formación de las editoriales universitarias", En Edición universitaria en América Latina. Debate, retos, experiencias, editado por João Carlos Canossa-Mendes y Juan Felipe Córdoba Restrepo (Bogotá: EULAC, ABEU, ASEUC, Altexto, 2011), 74.

Lo editorial en la universidad y la institución misma no quedan circunscritos exclusivamente como asuntos meramente académicos, y tal vez en algunos que lo incluyen como económico; hay que reconocer que son asuntos culturales y humanos. Es necesario tener presente la relación que existe entre información, conocimiento, pensamiento crítico, inclusión, tolerancia, y que todos derivan en sabiduría. Esto hay que analizarlo con cuidado, no es tan simple ni mecánico como parece, contar con información y tener acceso a la misma no significa conocimiento, sin involucrar lo pedagógico en el quehacer editorial, será solo eso información y contenido. Hay que llevar lo pedagógico e involucrarlo pero no solo en el producto, es necesario que haga parte del quehacer de lo editorial.

LOS DESAFÍOS

Para enfrentar nuevos retos en la editorial universitaria es necesario repensar sus funciones, como sus relaciones interinstitucionales, una dependencia más académica sin abandonar lo administrativo[1]. Si bien la editorial universitaria debe continuar con la edición de publicaciones de calidad y garantizar su circulación, es importante para el editor universitario ir más allá de lo que es visto como tradicional en su oficio, los contenidos que entrega la universidad deben contar con indicadores que reflejen su uso ya sea en la investigación, o en el aula, e incluso en la sociedad, poder participar de este proceso dará nuevos insumos para el trabajo editorial, es volver al editor parte activa de la universidad, en un actor que se relaciona con lo misional en la universidades: la educación. Estar a la vanguardia de las tendencias no solo tecnológicas, sino de los requerimientos de la comunidad académica mundial para que llegue al público objetivo determinado previamente; es algo parecido a la distribución, pero va más allá, se debe llegar hasta el público que interactúa con nuestros textos por medio del análisis, el debate, la discusión, todo con miras a ampliar los horizontes del conocimiento y de la ciencia.

Son varias las estrategias que deben implementarse para los alcances propuestos, el primero —y tal vez más sencillo— es el de incrementar la publicación a través de e-pub para los libros y el fortalecimiento del Open Journal System para las revistas académicas, así como la inclusión en índices reconocidos para que dichas plataformas mejoren la visibilidad y generen el reconocimiento a las investigaciones de la universidad. Para contar con resultados mayores es necesario fortalecer el trabajo entre diferentes instituciones de educación superior para que sus grupos de investigación por medio de las publicaciones mantengan un diálogo abierto y permanente que contribuya a la generación de nuevo conocimiento y para que a la vez puedan surgir redes de conocimiento para el desarrollo y avance de la ciencia.

Es un momento oportuno para que el editor universitario esté más involucrado, más conectado con el campo académico, debo insistir que ya no es solo el editor tradicional de contenido, debe reflexionar, la coyuntura lo exige, en aspectos trascendentales como: “proyectos de acompañamiento al docente”, “uso del texto en el aula”, “nuevas formas de leer”, “nuevas formas del texto”, entre otras, que enriquezcan su participación en la academia y su trabajo.

COMENTARIOS FINALES

La editorial universitaria no es solo un asunto administrativo-académico o económico, hay que verla desde una perspectiva mayor, pues sus productos afectan la educación, la cultura, el pensamiento, la sociedad. El compromiso apunta entonces a analizar con cuidado no solo los contenidos, hay que ir más allá como editores universitarios, hay que preguntarse por el papel que se cumple en el proceso de conocimiento, en el aula.

Los contenidos que producen las editoriales universitarias pueden estar publicados, pero eso no significa que cumplan con el objetivo que animó su publicación, que sean usados, que hagan parte del conocer de un determinado grupo social. Introducir en el papel del editor universitario una directa participación en lo pedagógico es oportuno y adecuado, incluso podría llevar a replantear en el futuro lo que como universidades producimos. Es una actividad que permite explorar nuevos escenarios para contribuir a la interlocución permanente entre todos los actores, con el fin de socializar el saber.

BIBLIOGRAFÍA

ALTAMIRANO, Carlos. “La construcción de un proyecto editorial”. Conferencia inaugural, Jornadas de Edición Universitaria, Universidad Nacional de Quilmes, Buenos Aires, abril 22-24, 2014.

CÓRDOBA RESTREPO, Juan Felipe. “Un espacio abierto para la educación y la cultura”. En Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario. Un libro abierto para Colombia y para el mundo, 186-189. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013.

[1] Ver: Carlos Altamirano, “La construcción de un proyecto editorial” (Conferencia inaugural de las Jornadas de Edición Universitaria (JEU), Buenos Aires, Universidad Nacional de Quilmes, abril 22-24 de abril, 2014).

Franco Giraldo, Jorge Iván. “Dilemas globales en la formación de las editoriales universitarias”. En Edición universitaria en América Latina. Debate, retos, experiencias, editado por João Carlos Canossa-Mendes y Juan Felipe Córdoba Restrepo, 73-86. Bogotá: EULAC, ABEU, ASEUC, Altexto, 2011.

SAGASTIZÁBAL, Leandro de. “La editorial universitaria como emprendimiento”. En La gestión económica en la editorial universitaria, 9-26. Santa Fe: Ediciones Universidad Nacional del Litoral, 2014.

Siegfried Unseld. El autor y su editor, 1985, citado por Tomás Granados, “Sobre la (In) utilidad de la formación en el mundo del libro”, Trama y Texturas, n.° 22 (2014): 37-49.

VOVELLE, Michel. Ideologías y mentalidades. Barcelona: Ariel, 1985.



fonte: www.sxc.hu/

COMPARTILHAR O CONHECIMENTO. Compromisso do cientista

Maria Cecília de Souza Minayo[1]

fonte: blog.uso.com.br/wp-content/uploads/2014/05/178788783.jpg



Não só no Brasil, mas em todo o mundo, a pesquisa, o ensino superior e as pós-graduações estão sendo repensados. Além de cumprir seu clássico papel de formar pessoas reflexivas e competentes filosófica, social e cientificamente, o mundo acadêmico vem assumindo outras funções e sendo orientado a contribuir para a competitividade da economia e oferecer formação adequada de alto nível para o mercado de trabalho público e privado, com o objetivo de criar quadros competentes para a burocracia estatal e prestar serviços à sociedade. No caso nacional, essa nova visão do papel do conhecimento fica evidente nos recentes planos de ação governamentais para o setor Ciência, Tecnologia & Inovação.

A orientação da ciência para as necessidades da sociedade se intensificou a partir dos anos 1980 em todo o mundo ocidental e se acentuou neste século, visando a enfrentar as profundas transformações mundiais: globalização dos mercados e da cultura, formação de novos blocos de países, uso intensivo de redes de informação e comunicação, reestruturação dos mercados de trabalho, aumento da competitividade em todos os níveis e,

[1] Maria Cecília de Souza Minayo tem graduação em sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado em antropologia social também pela UFRJ e doutorado em saúde pública pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). É pesquisadora do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (Claves/Ensp/Fiocruz), editora científica da revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e conselheira editorial da Editora Fiocruz. http://lattes.cnpq.br/4834272403601390

principalmente, ampliação de direitos e crescimento da consciência social dos cidadãos. No estágio de desenvolvimento em que o mundo se encontra, está cada vez mais patente que ciência, tecnologia e inovação são os grandes motores do desenvolvimento humano, social e econômico: as nações que não investem nesse tripé ficam dependentes do que é produzido em outros países.

Alguns filósofos e sociólogos contemporâneos falam de uma ciência em mutação para uma sociedade em transformação. Referem-se à transição de um modelo de investigação caracterizado por um espaço social relativamente livre de controles externos e calcado na avaliação de qualidade apenas por pares, para outro no qual vigore uma agenda científica de excelência que integre o desenvolvimento sustentável dos países e a participação da sociedade. As peculiaridades desse novo quadro podem ser assim resumidas: pesquisas orientadas para os interesses da sociedade; responsabilidade muito mais explícita por parte dos pesquisadores no que concerne aos temas que estudam e à tarefa de convencimento da sociedade e dos políticos sobre os méritos de suas propostas; e investimento numa produção científica muito mais complexa e interdisciplinar, diferente dos modelos lineares e unidisciplinares antes (e ainda) vigentes.

Assim, os avanços promovidos pelas descobertas científicas e tecnológicas atualmente, além de buscar uma maior adesão às necessidades e expectativas da sociedade, devem cada vez mais se tornar democráticos e inclusivos. Daí o papel importante da divulgação científica voltada para a popularização da ciência. Popularização não é sinônimo de banalização, pelo contrário, é colocar foco na disseminação do conhecimento. Existe hoje um consenso indiscutível na comunidade científica sobre a necessidade de compartilhar a ciência que é construída nos laboratórios e em grupos de pesquisa com o público em geral, utilizando linguagem acessível aos leigos, o que pode ser feito de várias formas, tais como: museus da ciência; Lojas do Saber, como são chamados na Europa os espaços de comunicação entre a comunidade científica e a sociedade, onde se apresentam os projetos em andamento, conferências abertas ao público sobre temas de seu interesse e exposição de resultados de investigações; criação de produtos tecnológicos e inovadores que melhorem a vida das pessoas; e comunicação escrita ou falada nas mídias sobre os resultados de pesquisas que interessam ao público.

Ainda assim, é na divulgação e disseminação dos resultados dos estudos para os leigos que se costuma encontrar os maiores obstáculos na socialização do conhecimento, pois na prática tradicional privilegia-se apenas a comunicação entre os pares, passo importante uma vez que tem como finalidade a inclusão da pesquisa e do pesquisador na cena e no debate nacional e internacional sobre o assunto específico investigado. Publicar os resultados das pesquisas em veículos acadêmicos faz parte do ethos da comunidade acadêmica. Como advertia William Garvey já em 1979, invertendo a tese cartesiana "penso, logo existo" no campo científico para "existo porque sou pensado e não porque penso".

Transformar a linguagem técnica de cada área em produtos, textos e propostas que possam ser apropriadas pela sociedade é um projeto político da mais alta relevância ao qual nossos governantes não têm sido sensíveis. Por exemplo, nos últimos anos os governos brasileiros têm investido um pouco mais (não o suficiente) na produção científica e tecnológica do país. Porém, são parcos e insatisfatórios os financiamentos tanto para a comunicação entre os pares quanto para a popularização do conhecimento. A dotação orçamentária do CNPq para as publicações científicas é irrisória e simbólica. Ou seja, essa última etapa crucial do processo de produção científica e tecnológica, a disseminação, por ser negligenciada, diminui a força do país no cenário internacional e prejudica a valorização da ciência pela sociedade brasileira. A divulgação do conhecimento tem, no mínimo, duas consequências importantes: projeta o sentido e a utilidade pública das atividades científicas e cria, na sociedade, uma consciência sobre a importância do investimento nesse setor.

Finalizo esta reflexão com uma mensagem que nos deixou o teatrólogo alemão Bertold Brecht na peça *A Vida de Galileu*, escrita em1939 durante o exílio do autor na Dinamarca e considerada ponto culminante de sua dramaturgia. Nela, o autor introduziu gerações de plateias ao personagem Galileu, não apenas como genial cientista, mas como portador do dilema ético central de toda a ciência contemporânea – ciência que a partir da Renascença foi ganhando relevância progressiva até se tornar importante força de moldagem social depois da 2ª Guerra Mundial. Após renunciar à doutrina heliocêntrica de Copérnico por causa das ameaças da Inquisição, Galileu prosseguiu solitariamente seu trabalho científico e escreveu sua obra máxima, os Discursos sobre Duas Novas Ciências. A primeira delas é descrita como uma tarefa grandiosa da comunidade acadêmica: libertar a sociedade do jugo da religião, dos preconceitos intelectuais e da tirania ideológica, por meio de valores fundamentais como imparcialidade, autonomia, neutralidade e notável coragem. A segunda nova ciência é apresentada como a que tem um papel humanístico e transformador dos seres humanos. Sobre esse aspecto, suas frases, traduzidas na peça de Brecht, são memoráveis: "A miséria de muitos é velha como as montanhas, e, segundo os púlpitos e as cátedras, ela é indestrutível, como as montanhas"; "Seremos ainda cientistas se nos desligarmos da multidão?"; e "Eu sustento que a única finalidade da ciência seja aliviar a canseira da existência humana".

ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA E O PAPEL DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Maria Helena Ribeiro[1]

fonte: homoliteratus.com/wp-content/uploads/2014/03/ler100_livros_por_ano.jpg



Tentarei, em poucas palavras, contribuir, com minha experiência na área da Leitura e Formação do Leitor, para novamente alertar as editoras universitárias da necessidade de se aproximarem mais da realidade da nossa sociedade, lendo suas necessidades, avanços e desafios – frutos da contemporaneidade –, principalmente no que se refere à mediação da leitura e formação do leitor. O ponto de partida para minha contribuição é a constatação de como essa área anda se desenvolvendo e que perspectivas são possíveis.

Os dados estatísticos são assustadores. Há mais analfabetos funcionais no Brasil do que estrelas no céu (47% da população); há mais planos nacionais, estaduais e municipais, de livro, leitura, literatura e biblioteca permanecendo apenas no papel, do que o número de bons projetos e iniciativas da sociedade civil que vêm formando leitores pelo país afora; nas estantes das bibliotecas universitárias, há mais livros

[1] Pedagoga, especialista na área da Leitura e pesquisadora do Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC -Rio/Cátedra Unesco de Leitura

ociosos, com dissertações e teses defendidas, do que bons livros de práticas leitoras e textos sobre leitura, sua interdisciplinaridade e mediação; há mais projetos e políticas de distribuição de livros do que de formação do leitor; há mais professores não leitores em salas de aula, do que boas leituras nos cursos de sua formação; há mais dinheiro para grandes eventos culturais, do que para uma Política de Leitura consistente, sustentável e com metas bem definidas.

Por outro lado, vemos crianças que anseiam pelo saber; jovens ciosos de leitura, de livros e de histórias; um povo cheio de histórias pra contar, músicas pra cantar, imagens para descrever; pessoas disponíveis que precisam se juntar com outras para resgatar suas referências, suas leituras e sua própria identidade; muitos professores correndo atrás de uma formação mais real e adequada; empresas que procuram investimentos sociais; muitos escritores e educadores que com práticas bem-sucedidas não conseguem ter voz e nem publicar suas experiências.

Como fazer para conjugar essas manifestações? Como juntar tais esforços? Como aproveitar o momento tão propício para se promover uma efetiva mudança?

A única possibilidade, a meu ver, é a aproximação, a união, o ir ao encontro, a parceria. Todos juntos a serviço de um país leitor – não apenas de livros –, mas de um leitor crítico, criativo, produtor das suas próprias ideias e escolhas; um leitor que saiba construir suas próprias ferramentas para realizar um trabalho competente, imprimir qualidade à sua vida e vivê-la com dignidade, comprometendo-se com relações mais humanas.

Esses são alguns dos desafios que temos de resolver para que esse país se torne um país leitor e, consequentemente, um país desenvolvido e moderno.

Quem quer mudar esse quadro deve fazer uma reflexão consistente sobre a importância da leitura para o crescimento e desenvolvimento do país. Há, todos os dias, um prejuízo enorme – financeiro, humano e ambiental – por não haver uma população leitora. Não há pessoas preparadas para o setor empresarial, industrial, do agronegócio, segurança, saúde e administração pública. Nos Estados Unidos, um estudo realizado pelas agências National Alliance of Business e National Institute for Literacy, em 1999, já estimava que a deficiência de habilidades básicas dos empregados era responsável por uma queda de produtividade que causava prejuízos em torno de 60 bilhões de dólares por ano.

É preciso que todos se sintam responsáveis: educadores, promotores de leitura, atores, escritores, empresários, líderes comunitários, políticos e principalmente os que cuidam da produção literária no Brasil.

Uma boa estratégia de promoção da leitura, em um país tão grande como o nosso, é investir nos jovens. Há uma predisposição, apesar de a mídia tentar demonstrar ao contrário, dos jovens em fazer um trabalho de multiplicação nas suas comunidades. Já temos o que contar sobre isso: são vários projetos bem-sucedidos, com jovens como mediadores, como os Agentes de Saúde, os Agentes de Leitura, um projeto do Ministério da Cultura (MinC) em parceria com prefeituras e estados e o Instituto Interdisciplinar de Leitura/Cátedra Unesco da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

A universidade deve ter esse olhar mais atento, tanto para esse momento proficiente, quanto para a sua responsabilidade com a mudança da sociedade. Suas publicações devem atender mais às necessidades de fora de seus muros do que realimentar suas próprias produções, as quais devem ser compartilhadas e socializadas.

Quando é que as publicações das editoras universitárias, responsáveis pela difusão do conhecimento, vão sair das estantes e ir ao encontro da sociedade, de seus desafios e da sua modernidade?

Juntei meus trapos, meus farrapos, minhas dúvidas e meus desencantos. Coloquei-os num caldeirão. À parte, fiz um refogado de tudo que já tinha feito nessa área: leituras, oficinas, cursos, palestras, reflexões e escritas. Misturei tudo como se fosse um grande guisado para ser degustado por todos que dele tivessem acesso.

As reações de quem provou essa receita eu talvez não saiba nunca, pois meus convidados são invisíveis. Mas, sei que no momento de comerem, haverá os satisfeitos e insatisfeitos: “O que dá pra rir, dá pra chorar. Questão só de peso e medida”, já dizia o poeta/compositor Billy Blanco.

INTERNACIONALIZAR OU PERECER. Em busca do Fio de Ariadne

Cristiane de Magalhães Porto[1]
Alexandre Meneses Chagas[2]

Marcas Iniciais

O cotidiano das pessoas é permeado pelos avanços tecnológicos e as constantes mudanças no cenário social. Realizar reflexões sobre os processos que permitem uma difusão científica de nível elevado e, consequentemente, que influencia no processo de construção do conhecimento é um desafio. Diante disso, torna-se relevante considerar que iniciativas pautadas no desenvolvimento das pesquisas buscam a redução das desigualdades no que se refere ao acesso à informação sobre o que está sendo pesquisado.

Como pesquisar, descrever os resultados de pesquisa com um bom nível de verticalidade e, ainda publicar e internacionalizar? Se a máxima que vem permeando o processo de produção científica até hoje foi "publicar ou perecer"? Temos que publicar para manter nosso currículo na ordem do dia no que se refere à visibilidade acadêmica e, até mesmo administrativa. Disso não temos dúvidas, mas contemporaneamente lado a lado com máxima aqui mencionada, nos deparamos com uma nova ordem, ou seja, "internacionalizar ou perecer".

O que temos diante de nós é um labirinto de exigências para os pesquisadores brasileiros que, por vezes, assusta e até mesmo causa danos no que é produzido, deixando-nos sem o tempo essencial para produzir um texto com mais vagar e de boa qualidade. Achar o Fio de Ariadne em meio a todas essas exigências da vida acadêmica tornou-se objetivo de grande parte daqueles que estão envolvidos em pesquisas e precisam publicar e internacionalizar.

O texto em tela busca contribuir para a discussão acerca do processo de internacionalização dos textos científicos produzido em nosso País, sejam periódicos ou livros. É inegável que este assunto tem ocupado boa parte das pautas de reuniões de agências de fomento, universidades, institutos de pesquisas e até mesmo o bate papo informal dos pesquisadores. As discussões vão desde a questão

[1] Doutora Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – Ufba. Mestre em Letras – Ufba. Professora Plena do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Líder e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias da Informação e Cibercultura – Unit/CNPq e investigadora do Grupo Comunicação, Educação e Sociedade – Unit/CNPq. Diretora da Editora Universitária Tiradentes – Edunit – Editora Científica do Grupo Tiradentes. E-mail: crismporto@gmail.com
[2] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Unit Mestre em Educação – Unit. Professor do Curso de Comunicação da Unit, investigador do Grupo de Pesquisa Comunicação, Educação e Sociedade – Unit/CNPq. Editor-Gerente do Portal de Periódicos do Grupo Tiradentes. E-mail: profamchagas@gmail.com



fonte: usp.br/espacoaberto/wp-content/uploads/2013/04/conhec%CC%A7a-dest.jpg

da língua estrangeira que, em muitos periódicos internacionais, exige a escrita de um nativo, fato este que dificulta a sua publicação. Outro aspecto é que, existem periódicos internacionais que cobram altos valores para a publicação de artigos aprovados até a qualidade do texto produzido.

À vista disso, vamos dar algumas voltas neste labirinto da produção e também de sua internacionalização, como forma de estabelecer diálogos e criar mais vias para lidarmos com o "publicar ou perecer" e o "internacionalizar ou perecer"

Como internacionalizar?

Esta tem sido a questão que permeia boa parte da comunidade científica no Brasil. Reconhecemos que a publicação em periódicos movimenta parte significativa da difusão científica no mundo. Com o advento da internet aconteceu uma consolidação entre quantidade, qualidade e rapidez, tais aspectos, colaboraram para que notícias sobre ciência circulassem mais rapidamente pelo mundo e que a comunidade científica tivesse mais acesso as informações de forma dinâmica e atual para aquele momento.

Aliados aos fatores supracitados e a outros como a visibilidade, a concisão e a clareza, promoveram a movimentação dos elementos que compõem o mundo científico, voltaram-se com mais atenção para a publicação em artigos. Hodiernamente as agências de fomento nacionais e internacionais dão mais atenção e visibilidade para pesquisadores que

publicam em revistas com um Qualis significativo e que possua um bom fator de impacto.

Sabemos que revistas científicas de países emergentes, como China, Coréia do Sul, Rússia e Brasil, redimensionaram e deram um maior quantitativo ao seu processo de internacionalização. Tal afirmação sustenta-se quando temos os números de publicação de artigos de autoria de pesquisadores estrangeiros, entre outros indicadores. Os periódicos brasileiros estão em número menor do que os dos países acima mencionados no que se refere à corrida pela internacionalização. Temos publicados poucos artigos em inglês e também temos pouca colaboração com autores do exterior.

Sabemos que internacionalizar é essencial para mantermos o sistema circulatório da ciência funcionando em um ritmo de interlocução com outras pesquisas e a maneira como são descritas a partir das análises e procedimentos metodológicos. Apesar de sermos o 13º país do mundo em número de artigos publicados, não conseguimos que internamente nossa ciência seja algo conhecido por boa parte da sociedade, ainda não temos uma boa divulgação científica no País e sofremos com a pouca informação sobre ciência. Ter acesso a estas informaçõesé privilégio de poucos. E voltamos à mesma pergunta: como internacionalizar diante desse cenário?

Sabemos que a língua inglesa é a língua da ciência, mas no Brasil se temos um alto índice de analfabetos dominar uma segunda língua é privilégio de poucos. No entanto, mesmo sendo a publicação em língua inglesa uma condição imprescindível para internacionalização esta não é a única condição para que a internacionalização se efetive de fato. Faz-se necessário que tenhamos um bom sistema de ensino da língua vernácula, reconhecendo que para se escrever bem precisamos ter domínio do nosso idioma e, a partir daí sermos capazes de também escrever bem em inglês.

Para além do que já tecemos até aqui, o processo de internacionalização envolve ainda: visibilidade do periódico, quantidade de acesso, quantidade de downloads efetuados, indexação em base de dados nacionais e internacionais, qualidade dos textos, conselho editorial, visibilidade dos autores que publicam na revista e, ainda, mas não menos importante, a quantidade de citações que os artigos publicados pelo periódico recebe e consequentemente seu fator de impacto. O desafio é grande, mas contamos com o trabalho do SciELO como importante agenciador da qualidade dos periódicos e a Associação Brasileira de Editores Científicos que por meio de textos e iniciativas de eventos têm colaborado para que o desafio de internacionalizar a ciência seja levado adiante com mais segurança e clareza.

No que se refere aos livros, a internacionalização tem acontecido por meio de feiras internacionais dos livros, onde a exposição dos livros brasileiros e a interlocução entre os autores e os responsáveis pelas associações afins, proporcionam parcerias para projetos em parceria. À vista disso, é importante reconhecer o papel da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu), que tem ajudado a tornar possível a participação das editoras em feiras internacionais por meio de convênios. Citamos como exemplos as feiras de Guadalajara, de Frankfurt e, este ano de 2015, também, a Feira do Livro Universitário da Costa Rica. Nessas Feiras, em especial a de Frankfurt, no último ano, contamos com a significativa participação das editoras universitárias do Brasil.

Inserções Finais

No decorrer do texto tentamos abordar alguns aspectos referentes à internacionalização de ciência no Brasil, em especial no que se refere às publicações em periódicos e livros. Por meio da imagem do Fio de Ariadne e de como todo processo de publicar e internacionalizar ainda é um labirinto a ser percorrido com cuidado, elencamos alguns pontos que julgamos relevantes, mas também percebemos a necessidade de solidificarmos ações para além de instituições como Scielo, Abeu, Abec entre outras, promotoras da internacionalização do que publicamos e, também, de fazer com que o meio científico brasileiro conheça os requisitos que envolvem o processo em tela.

Percebemos que o internacionalizar ou perecer é algo presente e pungente para nossas carreiras como pesquisadores e docentes de programas de pós-graduação. Somos avaliados pelo que publicamos, onde publicamos e qual o estrato do periódico onde publicamos, logo seremos avaliados, aqui no Brasil, também pelo fator de impacto. Sim, fator de impacto, pois o internacionalizar também está ligado ao fato de publicar em inglês e fora do País em revistas com alto fator de impacto.

Pois bem, neste labirinto mesmo com o Fio de Ariadne na mão o enigma do internacionalizar ou perecer tornou-se cotidiano para os pesquisadores e, assim como Édipo, precisamos decifrar o enigma da Esfinge do mundo da ciência que é: publicar, internacionalizar ou ser devorado?

fonte: www.sxc.hu

ABEU em todas as regiões do Brasil

A ABEU conta com 118 editoras associadas distribuídas nas cinco regiões organizadas do Brasil, sendo 37 no Sul, 32 no Sudeste, 10 no Centro-Oeste, 29 no Nordeste e 10 no Norte. A atuação regional é de significativa importância para a promoção contínua do conhecimento científico, interligando as universidades de modo dinâmico, bem como para o apoio ao desenvolvimento de políticas de difusão à leitura.

Nas páginas a seguir, disponibilizamos a relação das associadas, informando as respectivas marcas, nome fantasia, ano de criação, principal área editorial e endereços eletrônicos.

ASSOCIADAS DA REGIÃO SUL

ARGOS
Argos Editora da Unochapecó – Universidade Comunitária Regional de Chapecó
1992, Cientifico, Regional e Cultural
www.isthmus.com.br/argos; e-mail: argos@unochapeco.edu.br

EdiUNIARP
Editora da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, SC
03/05/1993, Saúde Pública, Ciências Biológicas em Saúde
www.uniarp.edu.br; email: atendimento@uniarp.edu.br

UTFPR
Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, PR
2002, Produção técnico-cientifica e cultural
Email: editora@utfpr.edu.br

EDIFURB
Editora da Fundação da Universidade Regional de Blumenau, SC
agosto de 1986, Acadêmico-Científico, Didático-Pedagógico e de Ficção
www.editora.furb.br; e-mail: editora@furb.br

EDIPUCRS
Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
09/11/1988, Filosofia, História e Teologia
www.pucrs.br/edipucrs; e-mail: ucrs@pucrs.br

EDITFURG
Editora da FURG – Universidade Federal do Rio Grande, RS
Científica, Acadêmica e Cultural
www.vetorial.net/~editfurg; e-mail: editfurg@mikrus.com.br

EDITORA DA ULBRA
Editora da ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS
27/07/1993, Cientifico e Literário
www.editoradaulbra.com.br; e-mail: editora@ulbra.br

EDITORA IBPEX
Editora IBPEX LTDA - Faculdade Internacional de Curitiba, PR
01/03/2005
Didático-pedagógico, científico, técnico e cultural
www.editoraibpex.com.br; e-mail: editora@editoraibpex.com.br

EDITORA UFPR
Editora da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR
24/03/1987

Cientifico e Cultural
www.editora.ufpr.br; e-mail: editora@ufpr.br

EDITORA UNESC
Editora Unesc – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC
18/4/2002, Didático-pedagógico, científico, técnico e cultural
www.periodicos.unesc.net ; e-mail: conselho@unesc.net

EDITORA UNIJUI
Editora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS
1985, Cultural, Científico, Técnico e Literatura
www.editoraunijui.com.br. e-mail: editora@unijui.edu.br

EDITORA UNISUL
Editora Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC
1986, Científico
www.unisul.br/editora; e-mail: editora@unisul.br

EDITORA UNIVALI
Editora da Universidade do Vale do Itajaí, SC
1997, Cientifico
www.univali.br/editora; e-mail: editora@univali.br

EDITORA UPF
UPF Editora – Fundação Universidade de Passo Fundo, RS
1995, Ciência Humanas
www.upf.br/editora; e-mail: editora@upf.br

EDUCAT
Editora da Universidade Católica de Pelotas, RS
1988, Técnico, Científico
www.educat.ucpel.tche.br ;e-mail: educat@phoenix.ucpel.tche.br

EDUCS
Editora da Universidade de Caxias do Sul, RS
1976, Didático, Científico
www.ucs.br/ucs/editora

EDUEL
Editora da Universidade Estadual de Londrina, PR
1994, Cientifico, Cultural e Didático
www.uel.br/editora ;e-mail: eduel@uel.br, eduel.dir@uel.br

EDUEM
Editora da Universidade Estadual de Maringá, PR
1992, Científico, Técnico e Cultural
www.eduem.uem.br ;e-mais: eduem@uem.br

EDUEPG
Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR
1997, Regional e Acadêmica
www.uepg.br/editora; e-mail: editora@uepg.br

EDUFRGS
Editora da Universidade Federal do Rio Grande, RS
19/03/1971, Cultural e Científico
www.ufrgs.br/editora ; e-mail: admeditora@ufrgs.br

EDUFSM
Editora da Universidade Federal de Santa Maria, RS
1981, Cientifica, Literária e Didática
www.ufsm.br/editora; e-mail: editora@ctlab.ufsm.br

EDUNIOESTE
Editora e Gráfica Universitária – Universidade estadual do Oeste de Paraná, PR
1997, Cientifico e Acadêmico
www.unioeste.br/editora; e-mail: editora@unioeste.br

EDUNISC
Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul
1993, Cientifica, Literária e Didática
www.unisc.br/edunisc; e-mail: editora@unisc.br

EDUNISINOS
Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS
1993, Filosofia e Ciências da Comunicação
www.unisinos.br/editora; e-mail: editora@unisinos.br

METODISTA IPA
Centro Universitário Metodista, Porto Alegre, RS
8/03/2005, Científica, Acadêmica e Cultural
www.metodista.br/editora; e-mail: editora.metodista@metodistadosul.edu.br

EDITORA CHAMPAGNAT
Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, PR
03/01/1983, Científico, Filosófico e Religioso
editorachampagnat.pucpr.br ; e-mail: editora.champagnat@pucpr.br

UFPEL
Editora e Gráfica Universitária – Universidade Federal de Pelotas, RS
Técnico, científico,artístico e cultural
www.prec.ufpel.edu.br/livraria; e-mail: editora@uol.com.br

UNICENTRO
Editora da Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR
1984, Cientifica e Literária
www.unicentro.br/editora; e-mail: editora@unicentro.br

UNIRITTER
Editora UniRitter – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS
1997, Cientifico e Cultural
www.uniritter.com.br/editora; e-mail: editora@uniritter.edu.br

UNIVILLE
Editora da Universidade da Região de Joinville, SC
Março de 2000, Científica
www.community.univille.edu.br/editora_univille; e-mail: editora@univille.edu.br

EDUFSC
Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, SC
1980, Cientifico e Cultural
www.editora.ufsc.br; e-mail: editora@editora.ufsc.br

IMED
Editora IMED – Complexo de Ensino Superior Meridional, RS
e-mail: editora@imed.edu.br

UNOPAR
União Norte do Paraná de Ensino, PR
Cientifico e Cultural
e-mail: editora@unopar.br

UNILASALLE
Editora UNILASALLE, RS
Cientifico e Cultural
e-mail: editora@unilasalle.edu.br

URI - FW
Editora Fundação Regional Integrada, RS
Cientifico e Cultural
www.fw.uri.br/site/editora/editora.php e-mail: editora@uri.edu.br

UDESC
Editora DA Universidade do Estado de Santa Catarina
Cientifico e Cultural
www.udesc.br/edsitora; e-mail:editora@udesc.br

IAPAR
Instituto Agronômico do Paraná
Cientifico e Cultural
www.iapar.br; e-mail:comiteeditorial@iapar.br

fonte: www.sxc.hu

ASSOCIADAS DA REGIÃO SUDESTE

BIBLIEX
Biblioteca do Exército, RJ
17/12/1881, Produção Técnico-científica e cultural
www.bibliex.edu.eb.br; email: bibliex@bibliex.ensino.eb.br

Editora da UNICAMP
Universidade Estadual de Campinas, SP
1982, Produção científica nas áreas de artes, biomédicas, ciência e tecnologia, comunicação e humanidades.
www.editora.unicamp.br;email: diretor@editora.unicamp.br

UNASPRESS
Imprensa Universitária Adventista, SP
1994, Produção acadêmico-científica
www.unaspress.unasp.edu.br;email: renato.groger@unasp.edu.br

ARTECIENCIA
Editora Arte e Ciência, SP
15/02/2002, Livros Acadêmicos
www.arteciencia.com.br ; e-mail: editora@arteciencia.com.br

FE-UNICAMP
Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP
03/1995, Trabalhos da pós-graduação da Faculdade de Educação
www.bibli.fae.unisamp/editoras-online/index.php; e-mail:gilbfe@unicamp.br

EDIFIEO
Editora da Fundação Instituto de Ensino para Osasco, SP
1997, Produção Cientifica, Artística e Filosófica
www.unifieo.br ; e-mail: edifieo@unifieo.br

EDITORA FIOCRUZ
Editora Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz, RJ
03/05/1993, Saúde Pública, Ciências Biológicas em Saúde
www.fiocruz.br/editora

EDITORA MACKENZIE
Editora Mackenzie – Universidade Prebisteriana Mackenzie, SP
1999, Acadêmico
www.mackenzie.br/editoramackenzie

EDITORA METODISTA
Editora Metodista – Universidade Metodista de São Paulo, SP
1980, Produção Cientifica
www.metodista.br/editora; e-mail: editora@metodista.br

EDITORA UFJF
Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG
1986, Ciências Sociais e Saúde
www.editoraufjf.com.br ;editora@ufjf.edu.br

EDITORA UFRJ
Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ
1986, Pensamento Crítico, História, cultura e idéias
www.editora.ufrj.br ; e-mail: cncoutinho@editora.ufrj.br

EDITORA UFV
Editora da Universidade Federal de Viçosa, MG
26/05/1996, Ciências Agrárias
www.editoraufv.com.br; e-mail: editora@ufv.br

EDITORA UNIMEP
Editora UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, SP
1992, Científica, Tecnológica e Cultural
www.unimep.br/editora; e-mail: editora@unimep.br

EDITORA UNIMONTES
Editora da Universidade Estadual de Montes Claros, MG
1998, Técnico, científico,artístico e cultural
www.unimontes.br ; e-mail: ddi@unimontes.br

EDUC
Editora da PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP
1973, Acadêmica
www.pucsp.br/educ ; e-mail: educ@pucsp.br

EDUERJ
Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ
1994, Produção Cientifica e Intelectual
www.eduerj.uerj.br; e-mail: eduerj@uerj.br

EDUFES
Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, ES
13/6/1995, Ciências Humanas e Sociais
www.secretariadecultura.ufes.br/editora_ufes.php ; e-mail: ediufes@yahoo.com.br

EDUFF
Editora da Universidade Federal Fluminense, RJ
27/08/1985, Ciências Sociais Aplicadas e Ciência Humanas
www.editora.uff.br; e-mail: diretor@editora.uff.br

EDUR
Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ
2006, Técnicos, Científicos e Literários
www.editora.ufrrj.br; e-mail: edur@ufrrj.br

EDUFSCAR
Editora da Universidade Federal de São Carlos, SP
1986, Livros Científicos
www.editora.ufscar.br; e-mail: edufscar@power.ufscar.br

EDUFU
Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia, MG
1981, Técnico, científico, artístico
www.edufu.ufu.br; email: livraria@ufu.br

EDUL
Editora Universitária Leopoldianum – Universidade Católica de Santos, SP
1974, Educação, Direito e Gestão Ambiental
www.unisantos.br/edul; e-mail: leopoldianum@unisantos.br

EDUSJT
Editora Universidade São Judas Tadeu, SP
Técnico, científico, artístico e cultural
www.usjt.br/editora_sao_judas ;e-mail: editora@usjt.br

FCRB
Edições da Casa de Rui Barbosa, RJ
1942, Literária e Humanística
www.casaruibarbosa.gov.br; e-mail: editora@rb.gov.br

IMESP
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – IMESP, SP
28/4/1891, Cultura brasileira
www.imprensaoficial.com.br; e-mail: fatima@imprensaoficial.com.br

INSTITUTO PIAGET
Instituto Piaget Editora – Unipiaget Brasil, Porto Alegre, RS
1991, Científico e Acadêmico
www.ipiageteditora.com. BR; e-mail: dulce@ipiageteditora.com.br

PUCMINAS
Editora PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica, MG
30/03/2002, Ciências Sociais, Educação e Relações Internacionais
www.pucminas.br/editora; e-mail: editora@pucminas.br

PUC RIO
Editora da Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ
2000, Psicologia, Sociologia, Matemática, Comunicação, Filosofia, Teologia, Serviço Social, Educação, Letras
www.puc-rio.br/editorapucrio; e-mail: edpucrio@puc-rio.br

UFLA
Editora da Universidade Federal de Lavras, MG
outubro de 1998, Técnica, Científica e Didática
www.editora.ufla.br; e-mails: editora@editora.ufla.br

UNESP
Editora Universidade Estadual Paulista, SP
03/05/1995, Ciências Humanas
www.editoraunesp.com.br; e-mails: castilho@editora.unesp.br

FGV
Editora Fundação Getúlio Vargas, RJ
Cientifico e Cultural
www.fgv.br/editora e-mail: editora@fgv.br

UNISUAM
Editora Sociedade Unificada de Ensino Augusto Motta, RJ
Cientifico e Cultural
e-mail: reitoria@unisuam.edu.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO NORTE

UEA Edições
Editora da Universidade do Estado do Amazonas, AM
2001, Produção acadêmico-científica e cultural.
Email: ueaedicoes@gmail.com

EDUA
Editora da Universidade Federal do Amazonas, AM
abril 1991, Técnico e científico
www.edua.ufam.edu.br; e-mail: edua@ufam.edu.br

EDUEPA
Editora da Universidade do Estadual do Pará, PA
2001, Científicos e Literários
www.upa.br/prof/eduepa; e-mail: editoradauepa@gmail.com

EDUFAC
Editora da Universidade Federal do Acre, AC
22/12/2003, Acadêmico, Científico, Técnico e Literatura
www. editoradaufac.blogspot.com; e-mail: editoradaufac@yahoo.com.br

EDUFPA
Editora da Universidade Federal do Pará, PA
1962, Técnico, científico, artístico e cultural
www.ufpa.br/editora; e-mail: editora@ufpa.br

EDUFRR
Editora da Universidade Federal de Roraima, PR
2007, Questão indígena, Amazônia, questões transfronteiriças
www.ufrr.br/institucional/editora/editora-da-ufrr; e-mail: rafasol@bol.com.br

MPEG
Museu Paraense Emílio Goeldi, PA
1894, Científico, tecnológico e cultural
www.museu-goeldi.br/editora; e-mail: editora@museu-oeldi.br

UFT
Editora da Universidade Federal do Tocantins, TO
18/8/2004, Científico, artístico e cultural
www.uft.edu.br; e-mail: vicereitoria@uft.edu.br

UNAMA
Editora UNAMA – Universidade da Amazônia, PA
Técnico, científico,artístico e cultural
www.unama.br/editoraUnama; e-mail: editoraunama@unama.br

EDUFRA
Editora da Universidade Federal Rural da Amazônia, AM
Técnico, Científico
www.ufra.edu.br; e-mail:editora@ufra.edu.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO NORDESTE

EDUNEAL
Editora da Universidade Estadual de Alagoas, AL
2012, Produção acadêmico-científica e cultural
Email: eduneal@uneal.edu.br

EDUNIT
Editora Universitária Tiradentes, SE
2013, Produção acadêmico-científica e cultural
Email: editora@unit.br

EDUFRPE
Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE
1994, Produção acadêmico-científica e cultural .
www.editora.ufrpe.br;email: editora@editora.ufrpe.br

EDITORA UFC
Editora da Universidade Federal do Ceará, CE
21/02/1980, Técnico, científico e cultural
www.editora.ufc.br; e-mail: editora@ufc.br

EDITORA UNIFACS
Editora Unifacs – Universidade Salvador, BA
Técnico, científico, artístico e cultural
www.unifacs.br; e-mail: editora@unifacs.br

EDITUS
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, BA
1996, Técnico, científico e cultural
www.uesc.br/editora; e-mail: editus@uesc.br

EDUECE
Editora da Universidade Estadual do Ceará, CE
24/09/1987, Produção Científica, Artística e Didática
www.uece.br; e-mail: eduece@uece.br

EDUEMA
Editora da Universidade Estadual do Maranhão, MA
Técnico, científico,artístico e cultural
www.uema.br; e-mail: editorauema@gmail.com

EDUEPB
Editora da Universidade Estadual do Paraíba, PB
1998, Saúde, Educação, Direito, Ciências e Tecnologia
www.eduepb.uepb.edu.br; e-mail: editora@uepb.edu.br

EDUFAL
Editora da Universidade Federal de Alagoas, AL
1983, Cientifico, Literário e Cultural
www.edufal.ufal.br; e-mail: contato@edufal.com.br

EDUFBA
Editora da Universidade Federal da Bahia, BA
1974, Técnico científico, cultural
www.edufba.br; e-mail: edufba@ufba.br

EDUFCG
Editora da Universidade Federal de Campina Grande
2005, Acadêmica, Universitária
www.ufcg.edu.br/edufcg; e-mail: edufcg@reitoria.ufcg.edu.br

EDUFPB
Editora da Universidade Federal da Paraíba, PB
Técnico, científico,artístico e cultural
www.ufpb.br/editora; e-mail: livrariacasadolivro@hotmail.com

UNIVERSITÁRIA DA UFPE
Editora da Universidade Federal de Pernambuco, PE
1955, Técnico, científico,artístico e cultural
www.ufpe.br/edufpe; e-mail: editora@ufpe.br

EDUFPI
Editora da Universidade Federal do Piauí, PI
Técnico, científico,artístico e cultural
www.ufpi.br/editora; e-mail: ufpinet@ufpi.br

fonte: www.sxc.hu

EDUFRB
Editora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, BA
Técnico, Científico
www.ufrb.edu.br

EDUFRN
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN
16/12/1962, Técnico, científico,artístico e cultural
www.editora.ufrn.br; e-mail: edufrn@editora.ufrn.br

EDUNEB
Editora da Universidade do Estado Bahia, BA
2006, Técnico, científico,artístico e cultural
www.eduneb.uneb.br; e-mail: editora@listas.uneb.br

EDUPE
Editora Universidade de Pernambuco, PE
1999, Ficção, Ensaios, Documentários, Memoriais e Produção Acadêmica.
www.upe.br; e-mail: edupe@upe.br

FDR
Fundação Demócrito Rocha – Edições Demócrito Rocha, CE
Literatura, História, Sociologia, Geografia e Literatura Infantil
www.edicoesdemocritorocha.com.br; e-mail: albanisalucia@fdr.com.br

FUNDAJ
Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, PE
1980, Ciências Sociais
www.fundaj.gov.br; e-mail: editora@fundaj.gov.br

IFRN
IFRN Editora – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, RN
2005, Técnico, científico,artístico e cultural
www.ifrn.edu.br/pesquisa/editora; e-mail: editora@ifrn.edu.br

UEFS
UEFS Editora – Universidade Estadual de Feira de Santana, BA
2002, Técnico-científico e Cultural
www.uefs.br; e-mail: editora@uefs.br

UESB
Edições UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BA
agosto de 2002, Técnico-científicos, Periódicos, Didáticos e Artístico-literários
www.uesb.br/editora; e-mail: editora@uesb.br

UVA
Editora da Universidade do Vale do Acaraú, CE
Técnico, científico,artístico e cultural
www.uvanet.br; e-mail: edilenebatista@hotmail.com

EDUFMA
Editora da Universidade Federal do Maranhão, MA
1988, Técnico Científico e Cultural
www.ufma.br; e-mail: edufma@ufma.br

EDUNP
Editora Universidade Potiguar, RN
2006, Técnico, Científico e Científico
www.unp.br; e-mail:edunp@unp.br

EDISE
Editora Diário Oficial - Serviços Gráficos de Sergipe
28 de abril 2008, Técnico, científico,artístico e cultural
www.segrase.se.gov.br; e-mail:suely.alvarenga@segrase.se.gov.br

IFS
Editora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe
Técnico, científico ,artístico e cultural
e-mail:edifs@ifs.edu.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO CENTRO-OESTE

UEG
Editora da Universidade Estadual de Goiás, GO
2009, Produção acadêmico-científica
www.editora.ueg.br;email: revista.prp@ueg.br

EDITORA UEMS
Editora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, MS
04/04/1993, Técnica, Cientifica, Didática e Cultural
www.uems.br/proec/editora; e-mail: editorauems@uems.br

EDITORA UFMS
Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS
1993, Cientifica, Didática e Cultural
www.editora.ufms.br; e-mail: conselho@editora.ufms.br

EDUFGD
Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, MS
outubro de 2006, Sociopolítico e Cultural
www.ufgd.edu.br/editora; e-mail: editora@ufgd.edu.br

EDUFMT
Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, MT
30/12/1993, Cientifica
www.ufmt.br/edufmt ;e-mail: edufmt@cpd.ufmt.br

EMBRAPA
Embrapa Informação Tecnológica, DF
22/8/2001, Pesquisa Agropecuária
www.sct.embrapa.br/liv; e-mail: marketing@sct.embrapa.br

UCDB
Editora UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, MS
20/09/1996, Cientifica e Técnica
www.ucdb.br/editora; e-mail:editora@ucdb.br

PUC GOIÁS
Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO
06/01/1986, Cientifico e Acadêmico
www.ucg.br/editora

UFG
Editora da Universidade Federal de Goiás, GO
1977, Científico, Técnico e Literário
www.editora.ufg.br; e-mail: editora@editora.ufg.br

UNB
Editora Universidade de Brasília
abril de 1961, Cientifico e Cultural
www.editora.unb.br e-mail: contato@editora.unb.br

LETRAS LIVRES
Editora Letras Livres, DF
1999, Cientifico e Cultural
www.anis.org.br e-mail: letraslivres@anis.org.br

